



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

DAVID SILVA SOUZA

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO:
Análise das turmas de 5º ano da EMEIF Profº Juvêncio Correa,
Distrito de Barreiras, Itaituba-PA**

ITAITUBA/PA
2019

DAVID SILVA SOUZA

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO:
Análise das turmas de 5º ano da EMEIF Profº Juvêncio Correa,
Distrito de Barreiras, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de
Itaituba para obtenção do título de Licenciado Pleno
em Pedagogia.

Orientadora:
Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

ITAITUBA/PA
2019

SOUZA, David Silva.

ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO: Análise das turmas de 5º ano da EMEIF Profº Juvêncio Correa, Distrito de Barreiras, Itaituba-PA / David Silva Sousa – Itaituba: CLPP da FAI, 2019.

64 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2019.

Orientadora: Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. Alfabetização. 2. Letramento. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2019.

DAVID SILVA SOUZA

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO:
Análise das turmas de 5º ano da EMEIF Profº Juvêncio Correa,
Distrito de Barreiras, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao
Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba,
para obtenção do título de Licenciado Pleno em
Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina
Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____
Profª Ma. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Esp. Dhemesbraene Soares da Silva

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 28 de fevereiro de 2019.

A Deus; aos meus pais, Maria Silva Costa e Maria Denice Silva Costa, João Monteiro da Costa e Jenivá Machado de Souza, por todo apoio e incentivo nessa longa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradecido primeiramente a Deus por sua graça e misericórdia, que tanto ajudou em todos os momentos dando-me força e guiando meus passos. Foi confiando nele que venci cada desafio durante todo esse curso.

Aos meus queridos pais que tanto amo, Maria Silva costa, Maria Denice Silva Costa, João Monteiro da Costa e Jenivá Machado de Souza, que me deram todo apoio e incentivaram em toda esta jornada para que não desistisse.

A minha querida esposa, Fernanda Vasconcelos Souza e a minha filha, Hanna Eloiza Vasconcelos Souza, que sempre estiveram ao meu lado dando todo amor e carinho.

Aos meus irmãos, Ramon Costa Saraiva e Alice Silva Costa, pelo carinho que sempre demonstraram.

Ao meu colega e irmão em Cristo, Ivo Juvenal da Costa que muito me ajudou nas horas de desespero.

Aos meus colegas de classe, Amanda Viana, Ezequiel Pinheiro e Danieelle Silva Costa que estiveram comigo ao longo de todo período de estudos.

Aos professores pelo esforço e conhecimento transmitidos e a Faculdade de Itaituba-PA, por ofertar no período diurno o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia proporcionando a oportunidade de cursar o nível superior.

Gratidão a minha orientadora, Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro por sua tão admirável paciência e dedicação ao longo de toda produção deste trabalho.

À direção e aos professores da Escola Municipal Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Juvêncio Correa, por contribuir com minhas pesquisas de campo para finalização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

“[...] a leitura e a escrita são processos cognitivos que são desencadeados e elaborados em um ambiente socialmente favorável” (ALMEIDA, 2009, p. 08).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo compreender os desafios metodológicos dos professores no processo de alfabetização na perspectiva do letramento dos alunos de 5º ano do ensino fundamental. A concepção de alfabetização se atrela à capacidade do sujeito de dominar as práticas formais de leitura e escrita, enquanto o letramento consiste no uso dessas práticas em vários contextos sociais. Desse modo, a metodologia utilizada nesse estudo foi por meio de uma pesquisa bibliográfica de autores que retratam a temática e uma pesquisa de campo com aplicação de questionários aos professores do 5º ano de uma escola pública. A partir dos relatos verificou-se os mesmos sempre buscam estratégias para o processo de alfabetização e letramento como: as fichas, gravuras, cartazes, cópias de textos do quadro e dos livros didáticos, histórias em quadrinhos, entre outros recursos de mídia. Dentre os maiores desafios no processo de alfabetizar e letrar estão a falta de livros adequados que retratem os conteúdos da proposta curricular, recursos didáticos em quantidades insuficientes e muitas das vezes falta de acompanhamento familiar. A escola não tem desenvolvido projetos nos últimos anos voltados para a questão de alfabetização e letramento, fator esse que poderia incentivar e promover a formação de leitores competentes.

Palavras-Chaves: Alfabetização. Letramento. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This Course Completion Work had the objective of understanding the methodological challenges of teachers in the process of literacy in the perspective of the literacy of 5th year students of elementary school. The conception of literacy is related to the subject's ability to master the formal practices of reading and writing, while literacy consists in the use of these practices in various social contexts. Thus, the methodology used in this study was through a bibliographical research of authors that portray the subject and a field research with application of questionnaires to the teachers of the 5th year of a public school. From the reports they were verified they always look for strategies for the process of literacy and literacy as: the fichas, engravings, posters, copies of texts of the picture and of the didactic books, comics, among other resources of media. Among the greatest challenges in the process of literacy and literacy are the lack of adequate textbooks that portray the contents of the curricular proposal, didactic resources in insufficient quantities and often lack of family support. The school has not developed projects in recent years focused on the issue of literacy and literacy, which could encourage and promote the training of competent readers.

Keywords: Literacy. Literature. Elementary School.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfil dos entrevistados.....	43
Quadro 2. Sobre a prática docente.....	45
Quadro 3. Sobre o incentivo à leitura dos alunos.....	47
Quadro 4. Posicionamento dos alunos quanto à produção e leitura de textos.....	48
Quadro 5. Fatores de dificuldades na aprendizagem em leitura e produção de textos.....	49
Quadro 6. Reação dos professores diante das dificuldades em leitura e escrita dos alunos.....	51

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Recursos pedagógicos utilizados no processo de Letramento.....	46
Gráfico 2. Dificuldades quanto à aprendizagem da leitura e escrita?.....	50
Gráfico 3. Sobre o acesso aos livros na escola.....	51
Gráfico 4. Sobre os desafios de alfabetizar na perspectiva de letramento.....	53
Gráfico 5. Sobre a capacitação dos professores no Curso do PNAIC.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CONCEPÇÕES HISTÓRICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	13
1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	13
1.2 DESAFIOS DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR.....	18
1.3 O ATO DE LER NO AMBIENTE FAMILIAR.....	22
2 DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA	28
2.1 ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS NO PROCESSO DE LETRAMENTO.....	28
2.2 COMPREENSÃO LEITORA EM LÍNGUA PORTUGUESA.....	32
2.3 PAPEL DA ESCOLA NO INCENTIVO À LEITURA E À ESCRITA.....	37
3 ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO: ANÁLISE DAS TURMAS DE 5º ANO DA EMEIF PROFº JUVÊNCIO CORREA, DISTRITO DE BARREIRAS, ITAITUBA-PA	43
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA.....	44
3.3 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES.....	45
3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
BIBLIOGRAFIA	57
APÊNDICES	60

INTRODUÇÃO

Na atualidade, quando se refere à educação percebe-se que é um desafio nas escolas da rede de ensino o processo de alfabetização nos anos iniciais. Alfabetizar e letrar são atos que promovem em equidade no desenvolvimento da leitura e escrita dos sujeitos atuantes, ao passo que são dois atos que devem se complementar a fim de propiciar melhor desenvoltura comunicativa dos indivíduos em qualquer contexto social.

Desse modo, este Trabalho de Conclusão do Curso teve por objetivo compreender os desafios metodológicos dos professores no processo de alfabetização na perspectiva do letramento dos alunos de 5º ano do ensino fundamental. Para desenvolver essa investigação, esse estudo pautou-se nos seguintes questionamentos: Quais as estratégias (recursos pedagógicos, atividades) são utilizadas pelos professores no processo de letramento? Quais os desafios no processo de letramento com os alunos do 5º ano do ensino fundamental? A escola incentiva e promove projetos voltados para o letramento?

A pesquisa fundamentou-se nas referências bibliográficas de autores que tratam da temática, como: Albuquerque (2007), Carvalho e Mendonça (2006), Carvalho (2010), Moll (1996), Piatti (2006) e Santos (2007) que discutem a temática sobre alfabetização na perspectiva do letramento. A pesquisa foi realizada durante o mês de novembro de 2018, na Escola Municipal Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Juvêncio Correa, Distrito de Barreiras, Itaituba-PA com aplicação de questionários aos cinco professores do 5º ano do Ensino Fundamental Menor, com objetivo de conhecer as concepções dos docentes a respeito da alfabetização na perspectiva do letramento.

O referido trabalho está organizado em três capítulos, sendo que no primeiro é feita uma abordagem sobre as concepções históricas da alfabetização e o letramento. É retratado ainda sobre os desafios das formações dos professores alfabetizadores e a importância do ato de ler no ambiente familiar. Também foi efetuada uma contextualização sobre os processos de alfabetização e as dificuldades que os professores alfabetizadores enfrentaram para conseguir adquirir melhorias em suas propostas pedagógicas.

Já o segundo capítulo trata sobre as estratégias didáticas no processo de letramento a partir dos diversos gêneros e suportes textuais usados nas

metodologias de ensino, abordando ainda as diferenças entre alfabetização e letramento, como também o papel da escola no incentivo à leitura e a escrita.

Finalizando este trabalho, o terceiro capítulo traz a análise dos resultados das pesquisas realizadas com os professores do 5º ano da referida Instituição de Ensino, os procedimentos metodológicos usados na construção desta monografia.

1 CONCEPÇÕES HISTÓRICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Há muito se discute sobre os paradigmas de educação que pautaram a alfabetização como processo de ensino-aprendizagem. Muitos estudos no decorrer do tempo demonstram as múltiplas facetas que a alfabetização assumiu em cada contexto de uso, ora caracterizando-a como um caminho de transformação social, ora tomando-a como um processo limitador de desenvolvimento das competências cognitivas dos sujeitos receptivos. Em vista desses questionamentos, evidencia-se algumas mudanças ocorridas com esse fenômeno ao longo dos anos.

Primeiramente, destaca-se que o processo de alfabetização em contexto geral, ocorreu com uma parcela considerável da população europeia, o que precedeu o cenário do avanço industrial. Nessas circunstâncias, Santos (2007, p. 25) enfatiza que antes do desenvolvimento mais sistemático de ensino, as práticas de alfabetização ocorriam de maneira informal, assim, o processo de aquisição de leitura e escrita voltava-se para os mais variados grupos sociais, dos quais muitos sujeitos faziam parte, do mesmo modo, aprendia-se a ler e escrever nos mais variados ambientes, como em casa mesmo ou em local de trabalho.

A esse estilo primário de alfabetização, creditava-se um ensino não organizado, que utilizava de processos poucos metodológicos para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Através da interação com fatos do cotidiano, muitos tiveram a capacidade de desenvolver, mesmo que forma sutil, algumas habilidades linguísticas. Não obstante, Santos (2007, p. 26) argumenta que esse modelo de alfabetização “foi capaz de permitir o crescimento de uma cultura popular letrada, que passou a fazer parte da vida diária das pessoas comuns”.

A mesma autora ainda aponta que primeiro se trabalhava a prática de leitura, depois a escrita, contudo, essas habilidades eram vistas apenas como uma atividade de natureza recreativa e social, assumindo apenas posteriormente uma função na vida econômica dos sujeitos. Nesse sentido, nota-se que o processo de alfabetização, inicialmente, não dispunha de métodos sistematizados para o ensino de leitura e escrita, tendo em vista que nesse período, elas não eram tomadas como competências que possuíam valor social e prestígio.

Passado o tempo, observou-se a necessidade de sistematizar o ensino e ofertá-lo aos sujeitos, haja vista a importância que os conhecimentos e domínios em leitura e escrita propiciavam para vários aspectos sociais e econômicos. A frente disso, Albuquerque (2007, p.11) afirma que a alfabetização, reconhecida apenas como processo de ensino de codificação e decodificação de signos linguísticos foi conduzida às escolas no final do século XIX, “mediante a criação de diferentes métodos de alfabetização - métodos sintéticos (silábicos ou fônicos) x métodos analíticos (global) -, que padronizaram o ensino de leitura e escrita”. Além disso, relacionou-se a esses métodos de aprendizagem como material de apoio o livro didático, conhecido como cartilha.

Obedecendo a esse molde educacional, percebe-se que as salas de aulas passaram a promover uma alfabetização com base nos métodos e assuntos pressupostos nas cartilhas, geralmente pautada num ensino de decodificação, junção silábica e leitura de palavras soltas, o que procedeu em um ensino pouco satisfatório para muitos. Isso tornou a alfabetização um modelo de ensino que sufocava o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, os quais eram subordinados a sucessivos exercícios de repetição, resultando num aprendizado cansativo e enfadonho dentro das salas de aula. Ao retomar esse contexto, afirma-se;

A experiência “traumatizante” de alfabetização na escola devia-se não só aos castigos aos quais muitos de nós fomos submetidos, mas às próprias atividades desenvolvidas, com ênfase na repetição e na memorização de letras, sílabas e palavras sem significados. Mas essa experiência escolar muitas vezes era amenizada pelas práticas de leitura vivenciadas no ambiente familiar, mesmo quando os instrumentos utilizados eram os mesmos – as cartilhas – , [...] (ALBUQUERQUE, 2007, p. 13).

Depreende-se da afirmação da autora, que o processo de alfabetização, atrelado à sua efetivação em sala de aula, baseou-se em métodos de ensino que distanciou o interesse dos estudantes em aprender a ler e escrever, tendo em vista que o modo como se ensinava, estava circunscrito em atividades meramente decorativas. Em contraposição a isso, Carvalho e Mendonça (2006, p.11) afirmam que “a partir da década de 1980, o ensino de leitura e escrita que priorizava a memorização de sílabas e/ou palavras e/ou frases soltas, passou a ser amplamente criticado”. Esse fato direcionou as práticas alfabetizadoras a novos rumos em seus aspectos gerais de desenvolvimento.

Pereira (2013, p.145) ressalta que historicamente, os estudos a respeito da alfabetização no Brasil iniciaram no ano de 1990, mas teve maior ampliação a partir do ano de 2000, circunstância em que a temática começou a ter maior destaque e a ser mais discutida por muitos estudiosos de várias regiões do país. Nesse tocante, a autora aponta que esses estudiosos começaram a notar as especificidades que se assentavam sobre o processo de ensino praticados em sala de aula, e a partir daí, propuseram-se a investigar e analisar as características desse ramo educacional, observando temas, objetos, pressupostos teóricos e metodológicos que circulavam esse assunto.

Nessa perspectiva, destaca-se que os aspectos do ensino de leitura e escrita começaram a ser verificados sob a ótica da inclusão, no tratamento didático e pedagógico, as interações da própria linguagem com os sujeitos que a utilizam, assim como os mais variados contextos em que ela é utilizada. Além disso, surgiu adjunto a necessidade de se avaliar não somente os sujeitos falantes, mas também as condições e situações sociais e históricas da produção e recepção da própria língua. Apoiado a esses novos fatores da aprendizagem, “consolidou-se na década de 1990 o tratamento do ensino e da leitura como práticas de letramento” (ALBUQUERQUE; MORAIS; FERREIRA, 2008, p. 25).

Esse novo termo que despontou através dos estudos voltados às práticas de ensino de leitura e escrita promoveu mudanças significativas nos ambientes escolares. Ao corroborar esse mesmo assunto, Albuquerque (2007, p.12) destaca que “o conceito de alfabetização passou a ser vinculado ao letramento, e no Brasil, o termo letramento não substituiu de fato a palavra alfabetização, mas parece associada a ela”. Exemplifica-se que o número de analfabetos no Brasil ainda é grande, contudo, não se deve tomar por iletrados essas pessoas que não possuem o domínio pleno de leitura e escrita alfabética.

Explica-se que mesmos sujeitos que se caracterizam como analfabetos envolvem-se em várias situações de práticas de leitura e escrita, ainda que mediado por uma pessoa alfabetizada. Acredita-se ainda, que nessas práticas os sujeitos desenvolvem uma série de conhecimentos sobre vários aspectos linguísticos que permeiam o seu cotidiano, como os vários gêneros textuais comuns em suas atividades diárias. “Assim, por exemplo, crianças são capazes de pegar um livrinho e fingir que leem a história, usando, para isso, a linguagem característica desse gênero” (GOULART, 2006, p. 06).

Em consonância com Soares (2003, p. 06) entende-se que, “em meados dos anos de 1990 que se dá a invenção do letramento no Brasil para nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização”. Segundo a autora, no Brasil a concepção de alfabetização e letramento se misturam, se sobrepõem e constantemente se confundem. Em razão disso, os estudos que analisam os dois fenômenos sempre são direcionados para o enraizamento que um termo possui com o outro, a parecer o letramento uma forma mais libertária de se ensinar o processo de leitura e escrita. Além disso, entende-se que,

Em termos gerais, o letramento diz respeito às práticas discursivas que fazem uso da escrita. Uma pessoa pode ser letrada sem ter ido à escola, pois ela tem um letramento espontâneo. Assim, é possível fazer uma distinção entre o letramento e a alfabetização, desde que se veja esta como um domínio formal da escrita e aquele como as práticas sociais da escrita. Esse aspecto é fundamental, e podemos dizer que existem vários letramentos, que vão desde um domínio muito pequeno e básico da escrita até um domínio muito grande e formal, como no caso de pessoas muito escolarizadas, com formação universitária, por exemplo (MARCUSCHI, 2007, p. 33).

Nesse sentido nota-se que alfabetização e letramento são fenômenos que possuem grande proximidade significativa, todavia, conforme aponta Soares (2003, p.10) separar a concepção de alfabetização e letramento é um equívoco, isso pelo fato de que na conjuntura dos estudos que buscam conceitos psicológicos, linguísticos e psicolinguísticos a respeito de leitura e escrita a inclusão de um sujeito nesse universo da linguagem se dá respectivamente por esses dois processos, isso ocorre “pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento”.

A concepção de alfabetização se atrela à capacidade do sujeito de dominar as práticas formais de leitura e escrita, enquanto o letramento consiste no uso dessas práticas em vários contextos sociais. Desse modo, pensa-se que os limites significativos entre os dois conceitos permeiam a necessidade que as pessoas possuem em aprender e dominar a língua em caráter alfabético e também a quase inevitável prática de se utilizar os preceitos linguísticos nas situações cotidianas, o que atribui ao sujeito mais representatividade social.

Em conformidade com Albuquerque (2007, p.19) defende-se mais uma vez que alfabetizar e letrar são duas ações bem distintas, contudo, não podem ser

separadas. Assim, a autora acredita que o ideal seria pôr em prática o processo de alfabetizar letrando, ou seja, “ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”. Dessa maneira, entende-se que a alfabetizar e letrar são atos que promovem em equidade no desenvolvimento da leitura e escrita dos sujeitos atuantes, ao passo que são dois atos que devem se complementar a fim de propiciar melhor desenvoltura comunicativa dos indivíduos em qualquer contexto social. Nesse tocante,

o que se propõe é, em primeiro lugar, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o consequente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas. (SOARES, 2003, p.12).

Outros autores, como Carvalho e Mendonça (2006, p.17) defendem que é necessário o reconhecimento de que tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes “dimensões, ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias”. Os autores enfatizam que algumas dessas metodologias devem ser caracterizadas por ensino direto, explícito e organizado, principalmente a alfabetização, que se configura como etapa do aprendizado sistemático da língua, o que pede um ensino com bases metodológicas eficientes.

A frente desses apontamentos é possível observar que alfabetizar e letrar configuram-se como fenômenos distintos, mas interdependentes, em que um dá suporte ao outro para sua própria construção. Por isso, Soares (2003, p.13) afirma que “na concepção atual, alfabetização e letramento são processos simultâneos, nenhum precede o outro”. Somado a isso, defende-se a proposta de se alfabetizar letrando, em que se dá a “apropriação do sistema de escrita e a inserção nas práticas de leitura e escrita de forma contextualizada” (MENDONÇA, 2007, p.47), a fim de promover um desenvolvimento adequado a cada educando.

1.2 DESAFIOS DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

A educação como um processo dinâmico apresenta modificações com o passar dos tempos, simultaneamente, tudo aquilo que a sua estrutura pertence também se transforma. Nessa direção, é possível observar que os principais sujeitos que protagonizam o processo educacional possuem a tarefa de se adequarem às novas características que se assentam sobre as práticas de ensino e aprendizagem. Tangendo-se esse assunto especificamente ao papel do professor alfabetizador, nota-se a necessidade de atualização deste profissional em termos de conhecimento e práticas pedagógicas consiste num fator determinante para ele superar muitos desafios que atrapalham o seu exercício docente.

No tocante dos desafios confrontados, Rigolon (2008, p. 05) afirma que no decorrer dos tempos muitos professores passaram a enfrentar a desvalorização e a precarização de seu trabalho, o que levou muitos deles a abandonar sua atividade docente e buscar de melhores condições de trabalho e salários mais dignos em outros setores trabalhistas. Além disso, a autora denota que os profissionais que continuaram em exercício docente, viram-se praticamente obrigados a aumentar sua jornada de trabalho e com isso, passaram a se submeter às questões que dificultavam gradativamente sua atividade, como baixos salários, inexistência de plano de carreira, ampliação do controle e fiscalização sobre sua atividade, perda de autonomia e dentre outros.

Piatti (2006, p.14) acrescenta que na maioria das vezes, os professores são apanhados pela rotina de ano para ano, os programas educacionais pouco colaboram para a renovação de suas práticas, os alunos mudam muito e as condições de precarização de trabalho continuam as mesmas, o que faz com que muitos docentes se comportem repetitivamente em suas atividades diárias. Percebe-se ainda, que a falta de valorização do educador, resulta geralmente num processo de ensino e aprendizagem insuficiente, em que as práticas docentes estagnam-se e o aprendizado dos educandos tende a declinar cada vez mais.

Em virtude disso, o exercício docente sempre enfrentou empecilhos que impedem seu desenvolvimento pleno, fatores esses que direcionam à ideia de que “ser professor alfabetizador hoje não é tarefa fácil, sobretudo considerando-se as condições de trabalho” (RIGOLON, 2008, p. 07), e além do mais, o professor mesmo

perante essas condições inviáveis de trabalho, precisa estar preparado para exercer sua função para a heterogeneidade de alunos que chegam à sala de aula.

Ao especificar esse assunto, Veiga e Silva (2010, p. 42) afirmam que o professor em termos gerais deve estar sempre preparado para se deparar com a questão das diferenças, pois “ensinar é confrontar com um grupo heterogêneo, reconhecer essas diferenças e tentar neutralizá-las”. Sob a ideia do autor, entende-se também que não existe a singularidade de alunos, pelo contrário, há uma diversidade de disposições de formas de ensinar e de aprender, características de um conjunto de sujeitos heterogêneos. Defende-se ainda que os professores devem deixar de lado as hierarquias por excelência, ou seja, seus alunos devem adquirir aprendizado com base num ensino igualitário, sem distinção de melhor ou pior aluno, isso se torna determinante para a luta contra o insucesso e diferenciação no contexto escolar.

Almeida (2011, p. 85) ao colaborar com essa discussão, reafirma que as professoras e professores enfrentam diariamente em sala de aula, falta de trabalho em coletividade, ausência de apoio pedagógico da equipe escolar, desvalorização da profissão, intensa carga de trabalho, ainda mais para aqueles que dobram a jornada, além de terem que exercer o desenvolvimento de projetos que são exigidos pelo órgão educacional central durante todo o ano letivo. Nesse sentido, observa-se que as atividades docentes ultrapassam os limites de atuação, direcionando o educador a práticas exaustivas de trabalho e tornando o seu ensino menos eficiente e mais distante daquilo que seria necessário para o desenvolvimento de seus educandos.

É preciso destacar que a qualidade da educação oferecida não se resume à atuação do professor e não pode ser reduzida a um “querer fazer”. Desconsiderar o contexto histórico e social em que se desenvolve a atividade docente, desprezando-se os condicionantes objetivos que interferem diretamente na atuação dos docentes no processo educativo das escolas públicas é um equívoco. Colocar a atenção da sociedade exclusivamente no professor é “desviar a atenção do real problema, que é a falta de condições de trabalho e de ensino” (RIGOLON, 2008, p. 08).

Diante desses apontamentos, percebe-se que o professor alfabetizador carece de uma formação inicial sustentável que o prepare para atuar em sala de aula conforme os frequentes entraves que despontam nesse contexto. Rigolon (2008, p. 06) sustenta que além da precarização de seu ofício, educadores se veem

coagidos a exercerem suas atividades conforme determinações de especialistas que comumente relevam e desconsideram os professores nas decisões sistemáticas de propostas formativas destinadas aos próprios docentes.

Soares (2003, p.12) configura que no âmbito de se buscar um ensino de qualidade, surge a “necessidade de rever e reformular a formação dos professores das séries iniciais do ensino fundamental”, de modo a torná-los capazes de enfrentar o grave e reiterado fracasso escolar na aprendizagem inicial da língua escrita nas escolas brasileiras. Nessa visão, compreende-se que a reestruturação dos cursos que formam docentes é um fator essencial para a ampliação de práticas de ensino e para que estas alcancem os objetivos da alfabetização, cuja prioridade consiste na inserção do sujeito no universo da escrita e da leitura.

Perante essa questão, Piatti (2006, p.18) alerta que o currículo de formação inicial dos professores “centram-se, quase exclusivamente, na aquisição de conhecimentos profissionais (pedagógicos, psicológicos, científicos) por parte dos professores em formação”. O mesmo autor considera que esse fator direciona os futuros professores à fixação de suas atividades nessas bases, em que o novo profissional terá como método de ensino apenas a transmissão de conteúdo, não pondo em prática a articulação dos assuntos teóricos aprendidos no curso de formação com a realidade das salas de aula, desconsiderando muitas vezes o entendimento dos contextos para a efetivação de seu ensino.

Nesse contexto, Veiga e Silva (2010, p. 45) acreditam que a formação docente deve ser “concebida como estratégia para facilitar a melhoria do ensino, havendo a necessidade de ligar os processos de formação de professores com o desenvolvimento organizacional da escola”. Em vista disso, os autores defendem que o ambiente educativo precisa ser favorável à aprendizagem dos professores, direcionando-os à articulação de conteúdos acadêmicos e disciplinares, o que se espera resultar numa boa formação pedagógica e capacidade de construir e reconstruir suas atividades em sala de aula, além de promover também uma aprendizagem e atualização pedagógica profissional constantemente.

À luz dessa ideia, acredita-se que a formação inicial de professores não se limita apenas como formação necessária para o exercício docente em sala de aula, pelo contrário, “o exercício cotidiano da prática docente cria a possibilidade de compreender melhor a prática e como atuar frente aos desafios que ela impõe, sendo assim um momento propício para a formação continuada” (RIGOLON, 2008,

p.18). Com base nisso, percebe-se que o curso de formação inicial não esgota os conhecimentos e práticas necessários para atuar como um professor, ao invés disso, se discute a precisão dos educadores em atualizar seus conhecimentos frequentemente, aperfeiçoando suas habilidades através de cursos de formação continuada e capacitando-se para melhor exercer sua função como docente.

Alferes e Mainardes (2012, p.10) apontam que diversas razões têm motivado a criação de programas e políticas educacionais de formação continuada de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Entre essas razões destaca-se o desempenho dos alunos que ultimamente não apresentou índices animadores. Outra razão, segundo os autores, compreende-se pela crença de que a formação continuada pode auxiliar para a busca de soluções ou amenizar os problemas que refletem o baixo aprendizado dos alunos e a qualidade insatisfatória da educação nacional.

Sob essa perspectiva, entende-se que a formação continuada de professores alfabetizadores, surge como uma das alternativas em se busca resultados mais positivos nos indicadores da educação, haja vista que nesta fase de estudo, aprende-se competências e habilidades cognitivas essenciais para se constituir um bom aprendizado, e simultaneamente, proporcionar continuidade a esse aprendizado, induzindo-se e direcionando esses educandos a maior aptidão pelo conhecimento.

Ao corroborar esse assunto, Almeida (2011, p.85) defende que a formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental, “é uma finalidade expressa nos projetos políticos-pedagógicos orientados do curso, cuja estrutura didática curricular converge com essa finalidade”. Desse modo, compreende-se que para o professor alfabetizador atuar nessa fase de ensino, há a necessidade de observar-se as dimensões das áreas e as disciplinas específicas de conhecimento para o ensino nessa etapa escolar. Isso porque toda atividade que ele tem de ensinar possui um objeto, cujo a função não se constrói num vazio, mas se compreende por conhecimento que deve ser selecionado pela escola e socializado com aos estudantes.

Há de se considerar que uma alfabetização descontextualizada não dá conta de acompanhar as transformações socioeconômicas de um país, uma vez que a sociedade favorece a ampliação e a circulação de várias fontes e tipos de textos. Portanto, cabe ao professor, ao fazer uso dos instrumentos e objetivos da educação, favorecer aos alunos a possibilidade de

preparação para essa dinâmica social. É no processo de alfabetização que o educador procura propiciar no educando o gosto pela leitura e o respeito pela língua materna, mas para isso é necessário que o professor que alfabetiza seja também um conhecedor das variações linguísticas, da estrutura e do funcionamento da língua. (PIRES; FERREIRA; LIMA, 2010, p. 04).

É possível inferir que o professor alfabetizador precisa reformular seus planejamentos didáticos de forma constante. Ele é o responsável por conduzir seus alunos às práticas de linguagem em meio social, fazendo-os adquirir conhecimento e habilidades para se tornarem cidadãos aptos a conviverem de maneira igualitária com seus pares. Para tanto, esses profissionais precisam praticar a atualização de suas próprias habilidades e conhecimentos, com o propósito de atuar com segurança e eficácia, além de buscar, frequentemente, soluções para os desafios que surgem no processo de ensino e aprendizagem.

A frente disso, Piatti (2006, p. 24) acredita que os professores ao enfrentarem “os desafios da prática docente, ao longo de sua atuação, aprendem a lidar com diferentes situações com as quais se deparam no âmbito da profissão e organizam estratégias para responder às necessidades diárias”. Logo, entende-se que tais estratégias se consolidam através das práticas profissionais que geram saberes e experiências, adjunto ao esforço do profissional de propiciar continuidade aos seus conhecimentos, por meio de participação nos cursos que propositam a ampliação e efetivação das práticas docentes.

1.3 O ATO DE LER NO AMBIENTE FAMILIAR

Em face de uma sociedade cada vez mais movimentada, as transformações em aspectos sociais, culturais e econômicos são quase inevitáveis, por isso, tem-se como imprescindível que os sujeitos das várias camadas sociais tenham domínio das práticas de linguagem, a julgar pela importância que as habilidades comunicativas determinam para a formação de um indivíduo. Sob esse panorama, entende-se que uma pessoa constrói consideravelmente sua inserção no meio social quando se torna um competente comunicativo, exercendo com autonomia as práticas de linguagem em qualquer contexto que ela frequente. Dentre essas, enfatiza-se o valor da prática de leitura para a formação de um sujeito social, e qual as determinações em que ela é pressuposta no meio familiar.

Na visão de Sabino (2008, p.10), “a leitura se constitui como um alicerce da sociedade de conhecimento, dado que ela promove a libertação do pensamento e a prática do exercício da cidadania”. A mesma autora sustenta que a leitura assume uma importância vital como estratégia de melhoria do processo ensino-aprendizagem, em que contribui, gradativamente, para o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos, de capacidade de análise crítica e de síntese. Desse modo, percebe-se que o ato ler promove o desenvolvimento reflexivo do sujeito, tornando-o capaz de fazer da leitura um suporte de aquisição de conhecimento e uma base para o desenvolvimento intelectual, além de orientar o indivíduo na atualização de seus próprios saberes fazendo-os reconstruí-los à medida que se confronta uma nova ideia em um novo texto.

Dado a importância da leitura para as pessoas, questiona-se ainda em quais espaços sociais essa prática melhor se elabora. Pensa-se sobre isso, na maioria das vezes, que a escola é o único espaço em que se promove o ato de ler. De fato, a escola é o espaço onde possivelmente mais se pratica leitura, pois nesse ambiente se estrutura o ensino sistemático dessa habilidade. Corroborando o papel escolar no processo do ato de ler, Raimundo (2009, p.107) presume que a escola deveria ser um “espaço de leitura em que, com a mediação do professor, os alunos fizessem leituras diversas de textos, só assim poderiam desenvolver uma leitura competente”. Nesse sentido, observa-se que a leitura realizada em ambiente escolar se constitui como uma parte fundamental para o aperfeiçoamento das habilidades em ler, todavia, esse incentivo pode ser despertado tenramente ainda em contexto familiar.

A prática do ato de ler ainda no seio familiar consiste numa atividade que gera muitas discussões, pois muitos estudos apontam que se deve iniciar a vida leitora de um indivíduo o mais cedo possível, haja vista que as crianças têm a capacidade de absorver de forma propícia os atos que seus progenitores executam no dia a dia. Sobre esse apontamento, Moro (2011, p.70) confirma que desde o nascimento, a criança “inicia sua relação com o mundo por meio da mediação, e em todo o processo do seu desenvolvimento a mediação está presente de diferentes maneiras, intensidades e formas”. Desse jeito, compreende-se que os pais e familiares são os grandes responsáveis por inserir a criança no universo da leitura. A par disso, um breve histórico do ato de ler é enfatizado:

[...] os movimentos populares ligados à Reforma Protestante promoveram a difusão da instrução como meio de garantir a leitura e a interpretação da Bíblia por cada fiel. A mediação do clero entre Deus e os fiéis passa a ser questionada, e a leitura das sagradas escrituras torna-se o modo pelo qual cada indivíduo teria acesso ao caminho da salvação. A partir desse posicionamento, as igrejas protestantes passaram a preocupar-se em ensinar a ler aos seus seguidores e estimularam a prática da leitura familiar diária pelo chefe da família. Nesse contexto, o material para a aprendizagem se constituía das sagradas escrituras, dos livros de oração e de catecismo. (SANTOS, 2007, p. 28).

Conforme o exposto é possível notar que a leitura surgiu como uma necessidade do ser humano de estabelecer ligação com suas crenças, constituindo aproximação ao divino por meio da leitura bíblica, e concomitantemente, atribuiu-se ao responsável familiar a função de compartilhar e incentivar essa prática adjunto a seus pares. Nesse sentido, deu-se o início àquilo que seria uma das pautas bastante discutida nos parâmetros das práticas linguísticas, que se baseia na realização do exercício leitor no contexto familiar.

Seguindo essa perspectiva, Szymanski (2004, p.13) aponta que “é na família que a criança encontra os primeiros ‘outros’ e com eles aprende o modo humano de existir”. Desse modo, enfatiza-se que o mundo das crianças ganha significado e elas começam a constituir-se como sujeito, isso através da interação afetiva no seio familiar, levando-a a construir sua própria identidade. Para a autora, o ambiente familiar propicia a oferta de inúmeras atividades que envolvem as crianças em ações subjetivas. Eventualmente, o convívio em família promove a oferta de atividades organizadas, que com o passar do tempo vão se tornando mais difíceis de realizar, o que ainda na visão do autor, facilitam os processos de desenvolvimento.

Entende-se assim que, os principais agentes promotores e incentivadores do desenvolvimento da criança são seus próprios pais, que praticam o ensinamento por meio da convivência e da interação no meio familiar. Desse modo, os pais surgem como responsáveis por administrar os primeiros aprendizados da criança, sempre orientando e instigando-a às práticas comuns ligadas ao cotidiano. A isso, destaca-se que “é tarefa dos pais ou responsáveis identificar as mudanças ocorridas no comportamento de seu filho e incentivá-lo a sempre aperfeiçoar suas práticas” (LIMA; ROCHA; RIBEIRO, 2011, p. 30).

[...] Para que haja uma aprendizagem significativa, insta-se a força conjunta da família no processo de ensino-aprendizagem. Os pais têm o dever de educar e exercer autoridade perante o ensino, haja vista que o direito de educação dos filhos é correspondente ao dever dos pais de ministrar,

auxiliar e influenciar positivamente. Ao considerar fatores essenciais nesse processo, como o amor, a paciência e a persistência diante das dificuldades apresentadas, eles devem ser conselheiros. (PINHEIRO *et al*, 2014, p. 58).

Desse modo, orienta-se que o desenvolvimento intelectual da criança esteja estritamente relacionado com a posição da família em função disso. Por consequência disso, ao tratar a leitura como suporte de inserção social, os pais devem estimular seus filhos pela prática do hábito de ler, visto que isso o auxilia no aprimoramento de suas habilidades comunicativas, o que vem facilitar e estruturar sua participação em grupos sociais.

Para tanto, ao dar suporte na formação cognitiva da criança, os pais têm como papel importante serem os precursores da apresentação do ato de ler às crianças, incentivando-as desde cedo com práticas de leitura diária. Segundo Moro (2011, p.72) o “conjunto familiar exerce papel fundamental para o desenvolvimento intelectual da criança, pois é nesse contexto que o aprendiz tem o primeiro contato com a leitura”. Logo, entende-se que todo o aprendizado construído em meio familiar refletirá no desempenho escolar que a criança terá.

Barbosa e Levandoski (2011, p.39) defendem que desde a mais tenra infância, “os pais precisam transmitir aos filhos valores, como, ética, cidadania, solidariedade, respeito ao próximo, enfim, pensamentos que os levem a ser um adulto flexível, saiba resolver problemas, esteja aberto ao diálogo”. Nesse caminho, os autores presumem que os alunos, por meio do incentivo dos pais, passem a valorizar o hábito à leitura, e que assim, este ato possa fazer parte de seu dia a dia e de seu desenvolvimento contínuo no campo do saber.

Mais uma vez, Pinheiro *et al* (2014, p. 60) acreditam que nessa perspectiva, “uma criança com hábito de leitura cresce preparada para enfrentar os desafios da vida, pois desenvolve ampla capacidade de leitura e interpretação”. Dessa forma, nota-se que o sujeito que pratica leitura em seu dia a dia possui mais habilidade em descobrir as significações de um vasto conjunto de vocábulos, o que facilita a ele produzir melhores textos, aprimorar sua oralidade e ter uma boa atuação em público. No entanto, defende-se que para as crianças desenvolverem esse hábito de ler, é necessário propiciar-lhe contato com textos variados e livros, assim como escutar histórias contadas por seus pais, avós, irmãos, e entre outros, também as estimula.

Dentro do seio familiar a leitura é mais leve, prazerosa, criando um vínculo maior entre pais e filhos, num primeiro momento com a observação das ilustrações dos livros lidos pelos pais, com a audição de cantigas de ninar, de histórias para dormir, até que a criança se sinta com vontade de retribuir e contar ou ler suas próprias histórias. A leitura em voz alta é um fator motivante dos pais para o filho e cria oportunidade para uma troca de experiências entre os mesmos. Se as crianças são criadas em um ambiente receptivo à leitura, em contato ativo com materiais que sugerem a recepção de textos é provável que no futuro ela conserve o gosto de ler. Se ao contrário a família não se envolver será mais difícil o trabalho dos professores. (RAIMUNDO, 2009, p. 110).

No que tange ao desenvolvimento do hábito de ler, entende-se que quanto mais cedo a criança receber estímulos para essa prática, mais chance de desenvolver o gosto pela leitura terá. Caso contrário, Botini e Farago (2014, p.45) alertam que “quando a leitura não é estimulada em ambiente familiar, acaba sendo vista, na maioria das vezes, como algo que não é de interesse do indivíduo, já que ocorre apenas em lugares rígidos e de forma obrigatória”. Todavia, compreende-se que o incentivo à leitura deve se estruturar principalmente no lar, tendo em vista que na família se mantém aprendizado constante por meio da convivência.

Sequenciando os apontamentos a respeito do processo de prática de leitura, observa-se a esse contexto que as inovações tecnológicas trouxeram consigo maneiras mais rápidas e menos trabalhosas de exercitar uma leitura, haja vista que a adaptação dos sujeitos a esses meios se deu de maneira progressiva. Todavia, muitos estudos apontam para resultados não satisfatórios que as facilidades dessas tecnologias modernas apresentaram para muitas crianças e jovens que desenvolveram uma dependência ferrenha por essas invenções da atualidade.

Sob a visão de Raimundo (2009, p.119), “o mundo de hoje está repleto de aparelhos eletrônicos sofisticados, telefones celulares e computadores que modificaram totalmente a vida das pessoas”. Consoante à autora, compreende-se que a rotina das pessoas que aderiram a essas tecnologias está mais acelerada, pois não se perde mais tempo escrevendo longas cartas e sim pequenas mensagens eletrônicas. Do mesmo modo, muitos jovens e crianças deixam de lado a leitura de um livro, “porque se acha rapidamente o resumo dele na internet, fato que distancia gradativamente da vida desses sujeitos o gosto por manusear um livro impresso, e descobrir por meio da leitura, as informações e conhecimentos circunscrito nele”. (MORO, 2011, p. 75).

Evidencia-se, portanto que, as crianças de hoje estão subordinadas a controles de redes sociais, jogos eletrônicos, programas televisivos e entre outros,

tornando-os pessoas ansiosas e impacientes, o que reflete negativamente na vida pessoal e no desempenho escolar. A isso soma-se também a facilidade de acesso à internet para a retirada de informações, afastando das práticas cotidianas o hábito de se usar um livro para ler, logo, segundo Botini e Farago (2014, p.50) “o ideal seria que a internet fosse apenas um complemento para as pesquisas bibliográficas”.

Em vista disso, entende-se que os meios tecnológicos não parecem promover um gosto adequado pela leitura. Pelo contrário, “as crianças que estão excessivamente entretidas com jogos eletrônicos” (SABINO, 2008, p. 25), se distanciam de forma gradativa das práticas do ato de ler em seu dia a dia, isso tanto em ambiente familiar quanto em contexto escolar, o que se direciona a um posicionamento conjunto de família e escola para a busca de estratégias que estimulem as crianças e os jovens ao desenvolvimento do gosto pela leitura.

2 DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

2.1 ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS NO PROCESSO DE LETRAMENTO

A escola nos dias de hoje é vista por muitos educandos como um ambiente qualquer, a qual não dispõe de prazer em que esses discentes vivem em seu cotidiano escolar. Os educandos esquecem que é nesse ambiente que estar atrelado o seu futuro, pois veem suas aulas como sem significado, evitando assim, a desmotivação dos aprendizes que muitas vezes arrumam desculpas para não querer ir à escola frequentemente.

Entende-se que, educador tem o foco preparar esses aprendizes para tornarem-se cidadãos conscientes para conviver em sociedade no processo de transformação. Conforme Bittencourt *et al* (2015, p. 09) “[...] desenvolver estratégias para que o prazer perpassasse os processos de ensino e de aprendizagem, faz com que na escola os sujeitos aprendam e ensinem em situações que sejam percebidas como chatas, cansativas [...]”. Dessa forma, o educador tem um papel fundamental no que tange o processo de ensino e aprendizagem do aluno, onde o mesmo tem o dever de dispor de estratégias que possa instigar no educando o querer em aprender.

[...] A alfabetização é uma prática de letramento que pode envolver diferentes estratégias (reconhecimento global da palavra, reconhecimento de sílabas, leitura em voz alta, leitura silenciosa), diversos gêneros (cartilhas, exercícios, imagens, notícias, relatos, contos, verbetes, famílias de palavras), diferentes tecnologias (lápiz, caneta, papel, quadro negro, giz, lousa branca, pincel atômico, livro, tela e teclado). (KLEIMAN, 2010, p. 379).

Para alfabetizar, o indivíduo utiliza-se estratégias através dos diversos gêneros e suportes textuais que são ferramentas indispensáveis onde são utilizadas pela alfabetização na prática do letramento que por sua vez, influenciam no ensino aprendido do aluno, onde é trabalhado os modos de como ele irar aprender a ler e escrever o português padrão visando desde já a sua alfabetização inicial.

O professor alfabetizador de imediato não encontra dentro de uma sala aula de alfabetização, uma exposição metódica sobre o que deve ou não fazer, mais necessariamente pode-se dizer que existe regras escritas e orais com relação ao desenvolvimento da prática desse profissional. Esse profissional tem a plena

liberdade de estar inovando e também transformando as didáticas em relação à alfabetização, em suas práticas cotidianas de ensino, da qual tem como objetivo principal o desenvolvimento do ensino aprendizagem do discente.

Desse modo, muitos professores têm sempre um desafio no que diz respeito ao ritmo de aprendizagem do aluno, isso porque dependerá muito da quantidade de educando com qual esse profissional trabalha em sala de aula, o que muitas vezes assusta. “Alfabetizar uma turma de 28, 30 ou mais é muito diferente de alfabetizar uma única pessoa, em particular. Os ritmos de aprendizagem variam as experiências anteriores dos alunos com a leitura e a escrita também” (CARVALHO, 2010, p.16). A responsabilidade de ensinar a ler e escrever preocupa, principalmente quando o educador se depara com uma turma com um grande número de alunos, em que a partir desse momento passara a conviver com diversas formas de culturas, onde cada um tem o seu ritmo de aprendizagem sem dizer sua vida social, então torna-se uma preocupação seria a relação interpessoal que ao longo do tempo vai se estabelecendo na classe, desde a cooperação aos conflitos.

De acordo com Almeida (2009, p.16), o convívio de uma criança em meio social é constituído com diversas experiências, onde a mesma elabora suas próprias ações, ou seja, a forma como ela se dedica inteiramente a vida. Desse modo, o letramento é uma parcela que faz parte da composição dessas experiências vivida dentro e até mesmo fora da escola, no que vem ser uma ajuda a essa criança mostrando como ela poderá estar organizando suas ações de forma satisfatória e também conhecer a letra como ferramenta que pode estar fazendo parte do seu cotidiano, uma vez que é o sujeito de sua própria ação, tendo conhecimento do papel que deve desempenhar dentro da sociedade.

O letramento é um processo de aquisição da linguagem por meio da escrita, capacidade essa de aprender a ler e escrever, decodificando os sons das letras e juntando-os formando palavras através da escrita e as palavras formando frases que formarão textos que transmitido à mensagem ao receptor. A partir do momento que a criança passa a ouvir os sons das letras associa-se aos símbolos usados para exemplificar cada letra do alfabeto.

Esse processo ocorre de maneira contínua em sala de aula com os alunos, onde os mesmos vão adquirindo as habilidades e as competências no processo da comunicação onde há dois meios de ensinar-se os discentes que são os métodos sintéticos e analíticos.

Os métodos sintéticos desdobram-se em processos alfabéticos, silábicos e fonéticos, ou seja, partem de seguimentos menores da fala (fonema, sílaba, letra) para chegar a palavras, frases, textos (unidades maiores e “mais” significativas). Estruturam-se em estratégias relacionadas à percepção auditiva, considerando que é pela correta discriminação dos sons e pela posterior associação do som com seu sinal gráfico (letra) que a criança aprende a ler e a escrever. A prática pedagógica é associativa (empirista), apoiada no treino e na repetição. A leitura “mecânica” precede a leitura compreensiva, estabelecendo-se o total esvaziamento contextual da mensagem. (MOLL, 1996, p. 54).

Os processos de alfabetizar podem ocorrer de diversas maneiras como os métodos sintéticos que consistem em repetições de sons e grafemas até a mesma assimilar de forma lúdica e a partir daí, então o educando passa a desenvolver a leitura e a escrita de pequenas palavras simples, logo depois aprende as sílabas complexas isso leva um tempo para cada discente adquirir esse processo de alfabetização nas séries iniciais.

Ainda de acordo com Moll (1996, p. 55) “Os métodos analíticos, [...] Adotam procedimentos opostos aos métodos sintéticos, partindo de unidades maiores, para chegar em unidades menores (fonemas, letras, sílabas)”. Os métodos analíticos trabalham um texto como um todo para que o educando passe a conhecer os sons, fonemas que estão inseridos no texto que está sendo trabalhado.

Para Pellanda (1986 *apud* Moll, 1996, p. 55), “Entre os métodos analíticos e sintéticos, os métodos analíticos foram os mais usados antes de 1964, [...] envolvem percepções e desenvolvimento crítico, relacionando o processo de alfabetização [...]”. Antes do Golpe Militar de 1964, que foi a tomada da presidência do Brasil pelas forças armadas do presidente eleito João Goulart conhecido como Jango, houve então a Ditadura Militar. A partir daí, então passou-se a usar os métodos sintéticos que são outras maneiras de ensinar o aluno a ler escrever decodificando o alfabeto, letra por letra, sílaba por sílaba e assim sucessivamente esse método começou ser utilizado com mais frequência nas escolas depois do Golpe Militar.

As principais diferenças entre um indivíduo alfabetizado e um letrado é que o primeiro apenas conhecer as letras e os sons com capacidades de ler e escrever para si mesmo, não conseguindo transmitir por meio da escrita para outras pessoas e o segundo adquirir as capacidades e competências comunicativas tanto de ler, interpretar, escrever para sociedade textos com coerência, coesão, clareza, objetividade, ou seja, é um leitor profissional e escritor com muitas habilidades comunicativas. Conforme Soares (1998, *apud* Carvalho, 2010, p. 65), o indivíduo

letrado é um cidadão crítico “[...] o letramento traz consequências (políticas, econômicas, culturais, etc.) para indivíduos e grupos que se apropriam da escrita fazendo com que esta se torne parte de suas vidas como meio de expressão e comunicação”. O cidadão passa a buscar seus direitos que são garantidos pela Constituição Federal de 1988.

Desde cedo as crianças precisam adquirir suas habilidades comunicativas para tornarem-se parte de uma sociedade que busquem melhorias para sua localidade e para seu país quando atingirem a idade adulta, pois só conhecendo e interpretando de forma clara e objetiva podem criticar e fazer greves quando se sentem que seus direitos estão sendo usurpados.

De acordo com Soares (1998, *apud* Carvalho, 2010, p. 66), pode-se afirmar que “[...] O letrado, no sentido em que estamos usando esse termo, é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-las com desenvoltura, com propriedade, para dar conta de suas atribuições sociais [...]”. Enfim, o cidadão tornou-se um escritor e leitor competente e com capacidade comunicativa crítica capaz de aprender, conviver e interagir no meio social buscando sempre seus interesses e do meio em que está inserido. Capacidades estas que foram realizadas com o processo aquisitivo do letramento que devem ser trabalhadas nas escolas desde as séries iniciais da Educação Básica do Sistema de Ensino garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) que regulamenta o sistema educacional da educação básica ao ensino superior.

O processo de letramento é um meio trabalhoso de ensino para dos educandos, pois não basta conhecer as letras e nem os sons, letrar alguém requer um trabalho minucioso usando-se estratégias para que os mesmos desenvolvam suas competências e habilidades diante desse processo. Desse modo, faz-se necessário organizar as palavras de forma correta para que ele possa dar ao leitor a informação clara objetiva, uma produção textual requer muitos cuidados com as palavras uma dando sentido a outra de forma coesa e coerente.

Para Carvalho (2010, p. 49), “[...] Um texto é um tecido feito com palavras, assim como o pano é feito de fios. Fios soltos não formam um tecido, palavras soltas, desconexas, sem sentido que as aproxime, não formam um texto”. Nesse sentido levando para o processo do letramento observa-se que as palavras precisam

ser ensinadas aos estudantes principalmente nas séries iniciais, como os textos são formados e suas estruturas.

Ser letrado é diferente de ser alfabetizado, no primeiro pode-se observar que o mesmo tem o domínio da língua escrita através do código linguístico que se usa para comunica-se com as demais pessoas, escrevendo de forma que será de fácil compreensão ao leitor, enquanto segundo apenas conhece as letras do alfabeto, seus sons silábicos, porém não consegue escrever e muitas nem mesmos entende o que está escrevendo ou lendo. Assim sendo, é necessário alfabetizar letrado ao mesmo tempo para que os futuros profissionais possam expressar seus pensamentos, suas críticas construtivas possam ser compreendidas por todos usando de forma correta a linguagem no meio social, cultural, religioso, etc., contribuindo assim para um futuro melhor e uma sociedade comprometida e compromissada com seu país.

Estratégias de leitura e escrita precisam ser desenvolvidas nos âmbitos escolares de formas convidativas para as crianças com ambientes propícios para que ocorra o processo de ensino aprendizagem de cada aluno. Ainda de acordo autora “[...] Preparar para aprender a ler é principalmente despertar o desejo, a vontade de ler. Melhor do que oferecer à criança desenhos prontos para colorir e pontinhos para unir é criar um clima de interesse e receptividade em relação à leitura e à escrita”. (CARVALHO, 2010, p. 52).

Portanto, o papel do educador é ser um elo de ligação mediando conhecimentos e proporcionando meios facilitando um o ensino aprendizagem do educando no âmbito escolar, dessa forma com compromisso e dedicação de todo o corpo docente da Unidade de Ensino quanto os pais e toda comunidade escolar será capaz de formarem futuros profissionais alfabetizados e letrados para o mercado de trabalho.

2.2 COMPREENSÃO LEITORA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Nos dias atuais as pessoas têm vivido em um mundo globalizado, onde a era da tecnologia tem pairado sobre os mais diversos meios da comunicação, informações que passavam meses para chegar aos seus destinos, na atualidade é apenas questão de segundos com o uso dos equipamentos como computadores, celulares, *tablets*, entre outros.

Surgem então alguns questionamentos sobre a compreensão leitora e sobre como o receptor receberá as informações que lhes são enviadas. Para Bittercourt *et al* (2015, p.11), a palavra compreender “[...] tem origem no latim, *compreendere*, que significa colocar junto os elementos de explicação considerando que existem vários aspectos que contribuem para explicar algo”. Partindo desse significado nota-se que compreensão é uma reunião de elementos que auxiliarão nos esclarecimentos de determinadas ideias e informações, etc. Nesse contexto, quando se lê algo é necessário buscar objetivos para que o leitor consiga absorver o máximo possível de informações através da leitura analisando minuciosamente o texto que está sendo lido.

A compreensão humana também necessita fazer uso da empatia, de identificação, de interpretação. Por exemplo, o que faz com que se compreenda alguém que chora não é analisar as lágrimas do microscópio, mas conhecer o significado da dor, da emoção. Empatia se refere a capacidade de se colocar no lugar do outro, compreendendo como o outro pensa. [...] Para se lê é necessário ser capaz de interpretar como o outro se sente, por que se sente assim, que alternativas o outro percebe, como ele justifica suas ações. (BITTERCOURT, *et al*, 2015, p. 11).

Segundo os autores, a capacidade da compreensão leitora é a capacidade de se transladar para outra dimensão, se colocando no lugar do outro para que assim possa entender o que estar sendo expresso através das linhas que estão escritas absorvendo a ideia central do texto. Assim, quando as crianças quando sentem dificuldades de entender certos significados e para isso recorrem ao dicionário para tirar suas dúvidas e até mesmo qualquer pessoas pode recorrer ao uso do Aurélio, para enriquecimento do vocabulário e sua compreensão seja rápida.

Nessa perspectiva, procurar as palavras adequadas para que possa ser transmitida também é essencial para levar a mensagem e o receptor também precisa conhecer o sentido e o significado.

A procura do significado de todas as palavras desconhecidas no dicionário, visando não só à compreensão imediata, a curto prazo, mas também o enriquecimento do vocabulário, era ponto de honra das professoras, mas causava dificuldades para as crianças, pois justamente por não serem leitores autônomos eram geralmente incapazes de perceber qual das várias acepções de um vocábulo era adequada ao texto [...] (CARVALHO, 2010, p. 74).

Conforme o autor, pode-se analisar que um leitor fluente tem mais capacidades de entender e compreender com facilidade, no momento da leitura o indivíduo adquire as competências para ser tanto um leitor quanto escritor. Para que haja superação das dificuldades, tanto as crianças como qualquer outro indivíduo devem ser um leitor autônomo que leia com liberdade.

Sob essa ótica, entende-se que, o aprendizado pode acontecer de forma individual e coletiva por isso o ambiente precisa ser também convidativo para que as crianças se sintam à vontade.

[...] A provisoriade do ato pedagógico está ligada aos processos pessoais de aprendizagem, aos avanços cognitivos em relação a compreensão e o uso do sistema alfabético da escrita. O desencadeamento dos processos pessoais não se dá espontaneamente, é fruto do esforço de cada um e do seu grupo provocado pela permanente intervenção docente. (MOLL, 2010, p. 144).

Do ponto de vista da autora, a prática pedagógica do professor é de suma para que os educados possam obter avanços em seus aprendizados seja individualmente ou coletivamente, proporcionando o ambiente favorável ocorre assim um trabalho com êxito, onde todos interagem seus conhecimentos e socializam sobre o que aprenderam.

Depreende-se dessas afirmações que, o processo de ensino e aprendizagem ocorre dessa forma nos âmbitos escolares, tomado conhecimentos de um mundo que os cercam facilitará sem dúvidas sua compreensão no momento de sua leitura a respeito de determinados textos, assuntos propostos em sala de aula, notícias de jornais, entre outros textos e informações que está presente o tempo todo na vida do indivíduo.

De fato, o processo pela busca da compreensão de textos não é uma tarefa fácil, criar um ambiente adequado, proporcionar a criança livre acesso aos livros infantis, infanto-juvenis entre outros tipos de leitura, sensibilizar os educando a se colocarem como personagens durante o momento da absorção das ideias centrais de cada história lida, só assim dessa maneira os mesmos podem vivenciar viajar, sensibilizar o outro lado do que está sendo lido.

Para criar essa atitude (de busca da compreensão) frente ao texto devemos, por um lado, sensibilizar a criança para os traços linguísticos que servem de suporte a reconstrução do quadro referencial proposto pelo autor, isto é, aqueles traços que salientam, hierarquizam informações e que

funcionam num nível macroestrutural de texto, como macroconectivos ou predicações que marcam a linha temática. Por outro lado, mais importantes é criar condições a sala de aula para que a criança interaja globalmente com o autor via texto. (KLEIMAN, 1989 *apud* CARVALHO, 2010, p. 81).

Sintetizar o texto, ou seja, buscar significante durante todo o processo de recepção textual, várias estratégias devem ser adotadas, inventadas e até mesmo reinventadas para que possam chamar atenção do leitor. Leituras claras, objetivas em uma linguagem de acordo com a faixa etária de cada educando, leituras de textos que o atraia e preda sua atenção, as histórias tem que interagir com leitor/autor. Diante dessas afirmações, Almeida (2011, p. 44) ressalta que, “A leitura em voz alta deve ser realizada de frente para o aluno em ritmo e tonalidades adequados ao ambiente educativo. [...]”. Nesse sentido, o professor deve fazer uma leitura também em sala de aula para que assim esse fator também possa contribuir com a formação de leitores autênticos e receptíveis.

Ainda de acordo com o ponto de vista de autores Bittercourt, *et al*, (2015, p.160), “Os leitores, principalmente aqueles mais frequentes, geralmente ao final de uma leitura sentem prazer em compartilhar suas impressões sobre o que leram com outras pessoas, preferencialmente leitores, [...]”. Dessa forma acabam ampliando mais ainda seus entendimentos, suas reflexões, seus vocabulários e até mesmo suas interpretações do acabou de ser lido.

Outra forma de contribuição é deixar algumas questões para que os mesmos possam identificar elementos no texto, como personagens, fatores, tempo, localização entre outros, fazer pequenas dinâmicas com perguntas. Interpretar está além de saber pronúncias de sílabas ou frases isoladas, é ver, saber, interagir, se transportar para o lugar e viver os personagens, isso é aprender compreender com o texto.

Importante destacar outra estratégia que pode ser usada para que o leitor possa compreender melhor é propor leituras que está ligada ao conhecimento do educando, leituras de conhecimentos prévios como, por exemplo: textos sobre a realidade do discente.

O conhecimento prévio sobre a história, a cultura, os hábitos, a política e a música de um lugar ajuda na compreensão de uma leitura sobre esse tópico. Além disso, a história de seu próprio aprendizado da leitura vai definir seu sucesso na compreensão de um texto. (GOMES, 2012, p.113).

Nesse contexto, pode-se analisar que ao propor textos para os educandos que fogem de suas realidades, os mesmos encontrarão mais dificuldades para compreenderem. Dessa forma é necessário que os tipos de leituras possam ser de acordo com a necessidade de todos os discentes, atraindo assim o gosto e o prazer pela leitura. O sucesso do trabalho de um professor está exatamente em elaborar sempre novas estratégias, propondo e discutindo ideias com sua clientela de forma convidativa estimulando seus alunos tornarem-se leitores autônomos e até mesmo escritores.

Entende-se, portanto, que a cultura de uma localidade é um fator primordial no estímulo da leitura e sua compreensão assim como também a política e a música são elementos essenciais que podem ser usados como estratégias que venha consolidar as compreensões do que estar sendo lido pelos leitores. Nesse sentido ainda, podem ser usados livros de escritores locais e regionais que retratem a temática da história local ou regional valorizando os profissionais que contribuem com o aprendizado dos leitores e educandos.

Nesse pensamento, depreende-se que, as leituras estão o tempo todo em volta das pessoas como rótulos de embalagens, sinalizações de trânsito entre outros e que conhecer os tipos textuais é de suma importância a todos para que possam associando os textos com a realidade.

Um texto atrativo precisa ir de encontro com o leitor para que haja interação entre ambas as partes texto/leitor, textos que condizem com os conhecimentos prévios da realidade dos leitores fazem surgir novas expectativas nos mesmos que buscam informações, ou seja, querem adquirir conhecimentos que os auxiliem em suas formações pessoais e sócias, tornando-se cidadãos críticos de forma participativa e construtiva na história de seu país.

Cada um desses tipos de textos tem características próprias de seu gênero de escrita e as pessoas sabem muito mais do que imaginam sobre esses gêneros. O conhecimento dos tipos de texto faz com que o leitor tenha expectativas a respeito do que vai ler. Essas expectativas se referem não somente ao conteúdo do texto, mas também a sua estrutura gramatical, ao seu vocabulário e ao seu formato visual. [...] (GOMES, 2012, p. 114).

Outras formas de atrair um leitor a interagir, principalmente as crianças que estão em fase de ensino aprendizado, é propor leituras em formas de poesias, pois

requer ver todo cuidado na estrutura e em sua formação, pois na poesia há estrofes versos e rimas.

A poesia endereçada as crianças não se restringir aos diálogos com os textos da tradição oral. Além da exploração lúdica da cadeia sonora das palavras, encontramos poemas que exploram outros recursos, como, no caso do poema de Henriqueta Lisboa, o da imitação por onomatopeias. Os versos ritmados do poema conduzem ao devaneio e à imaginação. A força imagética iniciada com o voo da andorinha se amplia quando o *segredo* a um só tempo se manifesta e não se declara. O lúdico, na leitura desse poema, realiza-se na esfera semântica (o significado do segredo que o leitor quer conhecer) com a esfera sonora (as onomatopeias que imitam o som do sino). Desse cruzamento, a descoberta que provoca o riso: o segredo é revelado em *língua de sino*. (RANGEL; ROJO, 2010, p.116).

Partindo do ponto de vista dos autores, usar atividades lúdicas no ensino das compreensões dos textos é fazer as crianças interagir brincando e aprendendo as como são formados as estrofes, os versos e as rimas de maneira dinâmica e até mesmos as onomatopeias que consiste em imita os sons. As atividades lúdicas são muito interessantes para todos os educandos nas séries iniciais, pois os mesmos aprendem brincando com as palavras e começam a entender e compreender aquilo que lhes estão sendo ensinados.

Nesse momento, as crianças passam a usar a imaginação se transladando para dentro das histórias através dos poemas, acabam também trabalhando a questão imaginária interagindo umas com as outras no âmbito escolar. Dessa maneira, o professor ensina as crianças nas compreensões textuais de forma dinâmica, lúdica, divertida e ao mesmo tempo conseguem alcançar suas metas na difícil e árdua tarefa de ensina os estudantes a compreender os textos e interpretá-los.

2.3 PAPEL DA ESCOLA NO INCENTIVO À LEITURA E À ESCRITA

A escola é uma instituição educacional onde é proporcionado aos educandos oportunidades de os meus adquirirem novos aprendizados tanto no conhecimento das disciplinas curriculares como também a conviverem em sociedade, respeitando as diferenças sociais de cada pessoa, valorizando os princípios éticos e morais. Assim sendo, nas Instituições de Ensino um dos maiores desafios para que haja a comunicação de forma adequada é o ensino da leitura e da escrita, professores que

ensinam as crianças nos seus primeiros anos de escolarização desenvolvem diversas estratégias que incentivem os mesmos no gosto pela leitura e escrita.

As escolas devem desenvolver projetos multidisciplinares envolvendo toda a escola, trabalhando juntamente com os professores feiras de leituras e produções textuais que contemplem a participação de todos discentes.

Nas reuniões do projeto, os intercâmbios entre saberes estabelecem-se espontaneamente; os professores relatam suas vivências em sala de aula, gerando reflexões e pontos de vistas. As práticas são analisadas à luz das teorias e estas são focalizadas à luz dos saberes das práticas. Como a pedagogia por projetos não comporta receitas prontas, nem procedimentos definidos ou presos a posições geográficas, mas se constituem apoiando-se nas necessidades e interesses reais que os alunos manifestam em sala de aula, os professores trabalham com recursos disponíveis nos textos que fazem parte da vida diária do entorno social. Tais procedimentos estimulam todos a fazerem novas leituras de sua realidade de trabalho, a ver com outros olhares o cotidiano escolar, a traçar novas perspectivas de trabalho com seus alunos, a analisar de modo diferente os seus problemas, as suas dificuldades e a ressaltar as suas possibilidades. (MICOTTI, 2009, p. 11).

De acordo com o autor, é necessário que todo o corpo docente se reúna para que possam relatar suas experiências em sala de aula e possivelmente encontrar soluções para as dificuldades que são enfrentadas diariamente no processo do aprendizado da leitura e da escrita. Projetos devem ser elaborados de acordo com a necessidade da clientela atraindo assim a atenção desse público para que ocorra o processo de ensino aprendizagem de cada educando. Professores precisam aproveitar os recursos disponíveis no ambiente que os cercam trabalhando assim os conteúdos aproximando da realidade dos mesmos.

Nessa perspectiva, percebe-se a importância de adotar novos métodos de ensino em todo âmbito educacional com o apoio do diretor, professores e técnicos educacionais, ou seja, um trabalho contínuo durante todo o ano letivo precisa ser realizado para que ocorram bons rendimentos nos aprendizados na vida de cada estudante.

Aproximar os discentes do conhecimento faz-se necessário despertando assim o gosto pelo aprendizado, dando suportes aos mesmos que começam a fazer suas leituras não somente na escola, mas também em casa ou qualquer lugar essa prática vai continuamente tornando-se mais comuns entre os leitores que passarão ser futuros escritores produzindo seus textos no seu dia a dia.

Vale ressaltar que, somente essa parceria realizada dentro da escola entre professores pode-se ser identificada as dificuldades e novos horizontes começam a projetar-se solucionando as problemáticas na vida dos estudantes. Através de projetos os discentes sentem-se estimulados a ler e escrever pois sabem que serão recompensados e reconhecidos no ambiente educacional, muitas das vezes tornando-se destaques e ganhando medalhas pelas suas produções textuais.

As práticas de letramento diferem da alfabetização, no sentido de que o sujeito pode possuir estratégias de letramento na oralidade, mesmo sem ser alfabetizado. Isto acontece quando ele estabelece uma relação entre o que é dito e o texto escrito; mesmo sem saber ler e escrever ele poderá compreender na oralidade aquilo que em algum momento foi vivenciado nos grupos sociais do cotidiano. São as vivências e relações estabelecidas com os grupos sociais, que possibilitarão as situações de letramento nas mais diferentes questões e permitirão que estas passem a ter significado e características da oralidade letrada, quando houver a possibilidade de se articular essas características nas atividades do cotidiano. (LOPES, 2008, p. 74).

De acordo com o autor, letramento difere-se de alfabetização, pois cada indivíduo já possui de alguma forma certo domínio do letramento através de sua oralidade em seu dia a dia aprendizado esse que é adquirido na convivência com diferentes classes sociais. Integrando assim esse conhecimento que cada educando possui aos projetos de letramento voltados para literaturas que desencadeiam a vontade de praticar a compreensão leitora aos conteúdos relacionados ao ambiente em que o cerca.

A aproximação de textos voltados para a prática do letramento é uma busca constante pelo aprendizado da aquisição da compreensão leitora que será um passo a mais a vida do leitor a interpretar com facilidades diversos tipos de textos. Dessa forma, o mesmo passará ter o desejo de fazer suas próprias produções textuais.

Muitas crianças têm acesso aos livros somente nas escolas, ou seja, em outros momentos as mesmas não hábitos de ler livros, revistas, etc., por isso âmbito escola precisa ter um espaço adequado para que toda classe estudantil desenvolva a prática o gosto pela leitura.

Em muitas situações é unicamente na escola que as crianças têm a oportunidade de ter contato com os livros; considerando que seja possível realizar leituras não apenas por eles, mas estes são o que chamarei, aqui, de veículos potencializadores da leitura. São nessas condições adversas que procuro abordar os conhecimentos acerca da leitura e escrita. (IBIDEM, p. 87).

Com base na citação compreende-se que é necessária a realização de projetos voltados para leitura e a produção de textos, conforme Possenti (2011, p. 37), “Se a escola tiver um projeto de leitura, isso pressupõe que ele terá cada vez mais contato com a língua escrita, na qual se usam a forma padrão que a escola quer que ele aprenda”. Os projetos facilitam o aprendizado de cada discente, pois o mesmo vai aos poucos deixando de ser apenas um ouvinte e um copiador de textos e sala de aula para tornar-se um praticante da leitura, produção e interpretação textual.

Por outro lado, através dos projetos são ensinadas novas metodologias aos estudantes que vão adquirindo as competências comunicativas da Língua Portuguesa que são: leitura, oralidade e a escrita. Nesse sentido, a escola deve envolver toda classe estudantil trazendo-os e aproximando-os o máximo da leitura e escrita tornando-os autores através de seus inscitos e valorizando-os assim os mesmos sentem-se cada dia mais estimulados em suas produções textuais. E mais ainda, também a escola deve levar em consideração os conhecimentos prévios de cada um também é de suma importância para que haja êxito no trabalho contínuo dentro e fora de sala de aula com também facilita no processo de ensino aprendizado dessa clientela.

Nessa perspectiva, para que ocorra êxito no desenvolvimento do projeto é necessário o envolvimento, dedicação, compromisso e responsabilidade de toda comunidade escolar, envolvimento esse de diretor, professores, alunos, pais de alunos e todos os funcionários em um só propósito de obter bons rendimentos no decorrer do ano letivo.

Ainda conforme Possenti (2011, p. 38), “As únicas pessoas em condições de encarar esse trabalho são os professores. Qualquer projeto que não tenha como ingrediente prioritário os professores - desde que estes, por sua vez, façam o mesmo com os alunos – certamente fracassará”. De fato, cabe aos professores organizarem e planejarem suas metodologias e objetivos a serem alcançados, mas tem que haver a participação de toda a escola para que possa obter sucesso no projeto de leitura e escrita.

Ambientes propícios aos educandos precisam ser construídos nas escolas para que os referidos possam ter acesso ao universo da leitura e obterem conhecimento para dar suporte as suas produções textuais.

[...] É muito importante que a biblioteca possibilite ao aluno a retirada do livro, pois ele iniciará a leitura em aula, mas o enredo o levará a querer saber o fim da história. Certamente ele lerá fora da sala independente de solicitação do professor. Utilização da biblioteca pública: nos municípios que há biblioteca pública, é possível usar seu acervo. Em geral, tais bibliotecas, são pouco utilizadas, quer por escolas, quer por população (e prefeito nenhum é bobo em aplicar recursos – que são poucos – em lugar tão pouco visitado...). Novamente o entendimento entre o professor e o responsável pela biblioteca se faz necessário, a fim de que o fato as obras estejam a disposição dos alunos; [...] (GERALDI, 2011, p. 62).

Conforme o autor, os ambientes para que aconteçam os momentos de leitura são necessários, porém em muitas escolas das redes municipais de ensino não existem o que acabam tornando os trabalhos dos docentes ainda mais difíceis nas aulas de leitura e compreensão de textos. Nesse aspecto, relata que é necessário o que o aluno tenha contato com os livros e que o mesmo possa locar o livro para ler a qualquer momento em sua casa, pois se o mesmo iniciar uma leitura que for atraente ele vai querer terminar de ler para saber do final da história.

A maioria das escolas não possuem espaços adequados como sala de leituras, mesas, cadeiras, livros disponíveis e adequados para cada faixa etária de idade. Para que assim toda classe estudantil possa realizar suas pesquisas, fazer suas leituras e desenvolver suas atividades.

Por outro lado, a importância de uma biblioteca e uma sala de leitura é que os alunos ficar mais à vontade e sintam-se acolhidos para ter concentração em suas atividades que e adquiram o conhecimento dos assuntos que estão sendo estudados em sala. Assim como uma sala de aula é importante ter seus móveis, cadeira, armários, etc., também é necessário que haja esses espaços para classe estudante, desta forma o trabalho dos professores irá obter mais êxitos, pois poderão contar com um suporte há mais em suas aulas. Assim sendo, há muito que investir em estruturas nas escolas que na maioria passam despercebidas e os ambientes que funcionam como suportes no processo de ensino aprendizado, vão ficando de lado e nenhuma tecnologia vai sem investido dentro das escolas da rede de ensino.

De fato, as poucas bibliotecas públicas municipais que existem poucas são visitadas nos dias atuais e os investimentos em reformas das mesmas não acontecem, pois, os próprios governantes não colocam na lista de prioridade. Na atualidade, nem todos estudantes tem acessos a computadores e internet,

principalmente as escolas mais distantes dos centros urbanos que se localizam na zona rural dos municípios.

Cada escola deveria ter os espaços apropriados para os discentes para que os mesmos pudessem sentir-se atraídos pelo ambiente escolar começassem a ser autores de pequenas histórias e até mesmo criar seus próprios livros de acordo com suas pesquisas e seus conhecimentos. Vale ressaltar que, ensinar é criar ambientes atrativos e agradáveis atraindo atenção de ambos educandos, tornando-os alunos críticos com ideias inovadoras no mundo moderno de tecnologias e conhecimentos cada dia mais avançados.

Em relação à organização da prática pedagógica, ambos sugerem um educador que problematiza o conhecimento e a realidade, num processo permanente de elaboração e reelaboração de estruturas de pensamento e dos níveis de consciência. O educando é o sujeito que no processo educativo deve encontrar espaço propício para recriar e até mesmo construir o conhecimento (MOLL, 2002, p. 99).

Depreende-se dessas afirmações que os educandos precisam de espaços que os levem a refletir, recriando conhecimentos e até mesmo construí-los que em algum momento será compartilhado com os demais.

3 ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO: ANÁLISE DAS TURMAS DE 5º ANO DA EMEIF PROF. JUVÊNCIO CORREA, DISTRITO DE BARREIRAS, ITAITUBA-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso fundamentou-se nas referências bibliográficas de autores, como: Albuquerque (2007), Carvalho e Mendonça (2006), Carvalho (2010), Moll (1996), Piatti (2006), Santos (2007) que discutem a temática sobre alfabetização na perspectiva do letramento. Fez-se necessário uma pesquisa de campo que foi realizada no mês de novembro de 2018, na Escola Municipal Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Juvêncio Correa, localizada no Distrito de Barreiras, Distrito de Barreiras, Itaituba-PA.

Foram entrevistados 05 professores com aplicação de questionários compostos de 11 questões, 06 questões de múltipla escolha e sendo 05 questões objetivas, destinadas aos professores do 5º ano da referida escola, com objetivo de conhecer as concepções sobre a alfabetização na perspectiva do letramento.

No quadro 1 é possível verifica-se o perfil dos entrevistados, formados em Licenciatura Plena em Pedagogia e seu tempo de serviço no âmbito escolar. A partir das análises notou-se que os entrevistados têm de 05 a 10 anos de atuação em sala de aula, dessa forma os mesmos já conhecem as necessidades de seus discentes, assim como também podem elaborar metodologias de ensino diferenciada para seu público.

Quadro 1. Sujeitos da pesquisa. Fonte: Professores do 5º ano, EMEIF Profº Juvêncio Correa, Barreiras, Itaituba/PA (2018).

Entrev.	Formação	Tempo de trabalho	Tipo de leitura
P ₁	Ensino Superior Completo (Pedagogia)	05 anos	Livros didáticos
P ₂	Ensino Superior Completo (Pedagogia)	08 anos	Livros didáticos
P ₃	Ensino Superior Completo (Pedagogia)	14 anos	Livros acadêmicos
P ₄	Ensino Superior Completo (Pedagogia)	10 anos	Livros didáticos
P ₅	Ensino Superior Completo (Pedagogia)	10 anos	Livros religiosos

Os docentes destacam que a leitura é de suma importância no dia a dia que visa facilitar seus trabalhos em sala de aula, pois de acordo com os mesmos o

conhecimento está sempre se reconstruindo e ler é um passo fundamental na vida de cada indivíduo, só assim dessa forma é possível aprimorar novos conhecimentos.

Do ponto de vista de P1, “A leitura é um ato de grande importância para a aprendizagem do ser humano, além de favorecer o aprendizado dos conteúdos, enriquece também nosso vocabulário”. Já para P3, “É muito gratificante a leitura para minha carreira profissional, pois é através da leitura que adquirimos e aprimoramos cada vez mais o conhecimento e o aprendizado”. Desse modo compreende-se que a e leitura é fundamental no aprendizado e na carreira profissional dos mesmos, pois é através dessa prática que os mesmos conseguem melhorar suas estratégias no desenvolvimento de suas atividades em sala de aula.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

A Escola Municipal Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Juvêncio Correa, localiza-se no Distrito de Barreiras, na Rua Aparícia Rodrigues, Bairro São João, foi fundada em 12 de março de 1956, tendo 04 (quatro) salas de aulas, com um número de 80 (oitenta) alunos e 05 (cinco) funcionários. Atualmente tendo com o diretor da Instituição de Ensino o senhor Misael Damascena da Silva e como vice-diretora a senhora Francisca Damascena da Silva, os quais foram eleitos para administrá-la por dois anos consecutivos.

Hoje com 62 (sessenta e dois anos) continua promovendo a educação na área rural do município de Itaituba-PA, a referida Instituição conta com o apoio do Conselho Escolar e apoio da comunidade local, buscando melhorias para atender melhor a demanda de alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental em dois turnos, matutino e vespertino e a noite com as turmas da EJA totalizando 512 alunos. Oferece as seguintes estruturas físicas: 11(onze) salas de aulas no total; 01(uma) sala de professores com banheiro; 01(uma) biblioteca; 01(uma) sala de informática; Sala de multimeios; 01 (uma) cozinha; 01(um) refeitório; 04(quatro) banheiros, sendo dois femininos e dois masculinos; Poço artesiano; Energia elétrica.

No quadro administrativo possuem em sua equipe os profissionais abaixo discriminados: Diretor, vice-diretora, técnico educacional, 1 secretário e 2 Auxiliares administrativo, núcleo técnico pedagógico de 30 docentes, 6 vigias, 3 merendeiras, 5 auxiliares de serviços gerais.

Na escola há Projeto Político-Pedagógico que tem como missão, “Garantir ensino de qualidade, educando pessoas que sejam críticos, participantes e adequados para desenvolver seu conhecimento em seu convívio social e contribuem com desenvolvimento dos aspectos, físicos, cognitivo, psicológico, social e afetivo, valorizando o desenvolvimento das múltiplas habilidades dos alunos, e valorizando o conhecimento para a autonomia e sua afetiva cidadania”. A escola tem como visão, buscar o desenvolvimento completo dos educandos para se viver a democracia em sua perfeição.

3.3 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES

A coleta de dados e informações sobre o processo de letramento no 5º ano do ensino fundamental trará uma grande contribuição para conhecer as estratégias didáticas utilizadas pelos professores da EMEIEF Profº Juvêncio Correa. Para iniciar a conversa com os professores foi perguntado na questão 1: **Como você vê sua prática docente? Ela está mais voltada para a alfabetização OU para um processo de letramento?** No quadro 2 podem ser observados os relatos dos entrevistados.

Quadro 2. Sobre a prática docente. Fonte: Professores do 5º ano, EMEIF Profº Juvêncio Correa, Barreiras, Itaituba/PA (2018).

Entrev.	Na profissão
P ₁	<i>“Com prazer, satisfação e vontade de ensinar ler e escrever voltando para prática do letramento”.</i>
P ₂	<i>“Vejo como desafios o ensino da leitura e escrita em sala de aula enfatizando sempre o letramento e a alfabetização que são elementos essenciais no aprendizado”.</i>
P ₃	<i>“Vejo com experiência em transferir conhecimentos e ao mesmo tempo aprender, voltando o ensino para o processo de alfabetização melhorando o aprendizado”.</i>
P ₄	<i>“Como processo de ensino envolvendo a alfabetização, pois é muito importante que o aluno não perca o hábito de ler e escrever sobre o mundo que o cerca”.</i>
P ₅	<i>“Vejo como meio de ajudar na qualificação para o mercado de profissional de cada aluno. Letrando, pois é o processo de aprendizagem em saber construir um texto de qualidade e com sentido, ou seja, saber usar as palavras adequadamente”.</i>

Com base nos relatos dos professores os mesmos enfatizam sobre o questionamento sobre a alfabetização dos educandos, nessa fase ainda com a visão dos entrevistados é o momento que a classe estudantil passa a aprender sobre os sons das letras e a redigir pequenos textos; já do ponto de vista de outros

profissionais ressaltam também a importância do letramento no ato de escrever um texto.

Pode-se dizer que a escrita de um texto é um processo que está presente na sociedade como meio de comunicação e interação transmitindo informações aos demais indivíduos de um determinado lugar. Escrever algo é eternizar as informações através de um computador, um papel escrito a punho com caneta e papel, etc., elas podem ainda ser armazenadas em *pendrives*, cartões de memórias, entre outros inúmeros meios de armazenamento. (COSTA, 2017, p. 16)

De ponto de vista do autor, a escrita é um processo no qual escreve-se as informações para ser retransmitidas a outras pessoas. Então, a importância de um texto ser redigido com clareza e objetividade, por isso conhecer os sons das sílabas que são ensinadas no processo de alfabetização não são suficientes, como também os educandos têm que aprender letrando, escrevendo e organizando o texto de forma adequada.

Continuando a entrevista com os professores do 5º ano do EF perguntou-se na questão 2: **Quais recursos pedagógicos são mais utilizados por você no processo de letramento?** O gráfico 1 demonstra o resultado em que a maioria (50%) dos entrevistados disse que utiliza fichas/gravuras/cartazes e cópias do quadro e do livro; 30% relataram que preferem fazer leituras em voz alta, coletiva e individual, 10% utilizam gibis e histórias em quadrinhos com os educandos e 10% afirmou que utiliza as mídias: TV, computador e datashow.

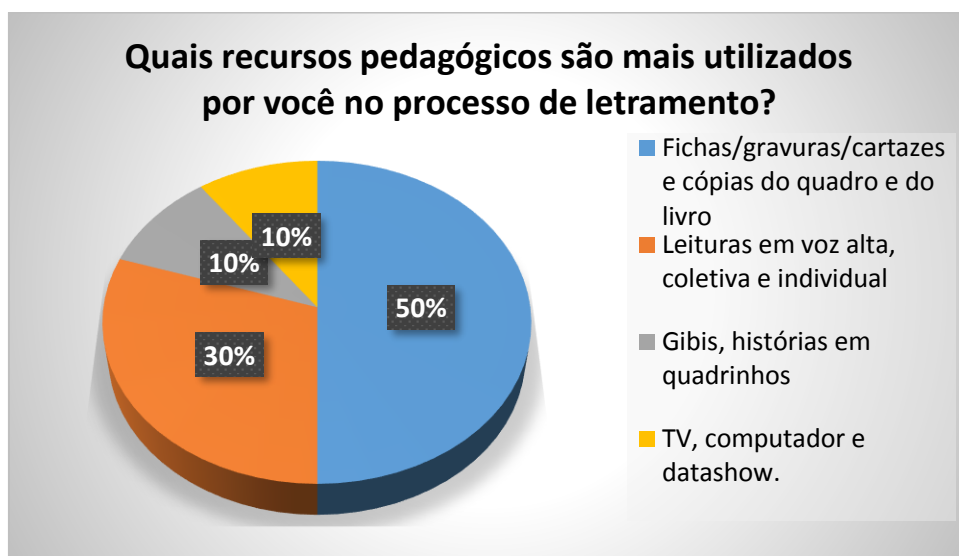


Gráfico 1. Recursos pedagógicos utilizados no processo de Letramento. Fonte: Professores do 5º ano, EMEIF Profº Juvêncio Correa, Barreiras, Itaituba/PA (2018).

Os entrevistados relataram a maioria dos recursos pedagógicos utilizados como fichas, gravuras como também o uso das leituras individuais e coletivas são essenciais no processo de aquisição do letramento.

Para alfabetizar, letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, por exemplo: escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondência escolar), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim a escrita passa ter função social. (CARVALHO, 2010, p. 69).

Desse modo, o processo de alfabetização letrando é um trabalho minucioso através de diversas estratégias: tais como bilhetes, produzir histórias através da escrita, produção de pequenos jornais com notícias relacionadas ao cotidiano dos educandos ou sobre informes da escola, confecções de cartazes, entre outros são recursos essenciais nesse processo.

Levando em consideração a leitura como um meio de aquisição de conhecimento e elemento necessário em todos os ambientes continuou-se perguntando na questão **3. Que atividades você tem feito para incentivar o hábito da leitura em seus alunos?** No quadro 3 é demonstrado os relatos dos docentes a respeito do incentivo à leitura em sala de aula.

Quadro 3. Sobre o incentivo à leitura dos alunos. Fonte: Professores do 5º ano, EMEIF Profº Juvêncio Correa, Barreiras, Itaituba/PA (2018).

Entrev.	Relatos
P ₁	<i>“Levo os alunos para escolher livros na biblioteca para os mesmos locarem os livros e levarem pra casa fazerem a leitura”.</i>
P ₂	<i>“Fazemos leituras de historinhas na roda de conversas e depois socializamos”.</i>
P ₃	<i>“Através de cartazes, jogos educativos e também livros de leituras de contos e poesias”.</i>
P ₄	<i>“Através do cantinho da leitura, onde usamos os livros didáticos e de historinhas”.</i>
P ₅	<i>“Quem ler os livros de historinhas e recontar com suas palavras ganha pontos”.</i>

Para incentivar à leitura os alunos precisam sentir-se motivados em buscar informações objetivando adquirir novos conhecimentos e para que isso ocorra os docentes precisam desenvolver atividades voltadas na realidade dos mesmos. Segundo os entrevistados relataram levar toda classe estudantil a ter acesso aos livros na biblioteca, desenvolver leituras em sala de aula socializando sobre os livros e histórias lidas, jogos educativos, contos, poesias entre outras atividades.

Baseando-se nessas informações apresentadas durante a entrevista interrogou-se ainda na questão 4. **Qual a expressão que os alunos demonstram com relação à produção de textos escritos? E quanto a fazer uma leitura à frente da turma? Ou em voz alta? Eles se sentem tímidos e envergonhados?** O quadro 4 demonstra as respostas dos professores.

Quadro 4. Posicionamento dos alunos quanto à produção e leitura de textos. Fonte: Professores do 5º ano, EMEIF Profº Juvêncio Correa, Barreiras, Itaituba/PA (2018).

Entrev.	Relatos
P ₁	<i>“Demonstram insegurança e também rivalidade, pois cada um que ler melhor”.</i>
P ₂	<i>“São tímidos e demonstram insegurança na hora da leitura”.</i>
P ₃	<i>“Eles são muito tímidos e têm muita vergonha nas aulas de leituras”.</i>
P ₄	<i>“Alguns adoram produzir textos, outros ficam inquietos e nervosos com medo de errar na hora da leitura”.</i>
P ₅	<i>“Demonstram entusiasmo ao produzir seus textos. Mas também são muito tímidos e sentem-se envergonhados”.</i>

Percebe-se que os alunos quando se trata de leitura em sala de aula ou atividades similares são notáveis a insegurança e a timidez dos mesmos, pois ambos ficam nervosos e com medo de errar diante da classe, fatores esses que têm dificultado o progresso dos mesmos no âmbito educacional. Barreiras essas que precisam ser superadas pelos alunos, mas para isso eles precisam sentir-se seguros, então assim as dificuldades serão superadas.

A importância no ato de escrever é saber antes de tudo que todos os seres humanos vivem em torno de novas tecnologias, onde a comunicação é muito rápida e acessível a todos quanto buscam informações a respeito de determinados assuntos, onde muitas das vezes a oralidade não é o suficiente para a interação entre os indivíduos, nesse momento saber dominar a leitura e escrita é de fundamental valia para que ocorra o processo de interligações de informações, onde a interação entre a sociedade ocorra. (COSTA, 2017, p. 18)

A timidez, insegurança, vergonha são fatores relacionados à falta de domínio dos conteúdos no momento da leitura, os educandos não possuem uma visão mais ampla a respeito do que estar lendo, como também muitas vezes não conseguem interpretar o que estão lendo. Esses fatores dificultam o êxito dos estudantes no ensino e aprendizagem dos alunos, pois já foi identificado em alguns estudos que as maiores dificuldades de aprendizagem em leitura e em escrita podem estar ligadas a como a criança se sente no ambiente escolar. Desse modo, foi perguntado na

questão 5: **Em sua opinião, até que ponto fatores como ansiedade, relação professor e aluno, podem estar associados a problemas de aprendizagem e baixo rendimento?** O quadro 5 traz os dados coletados do ponto de vista dos docentes.

Quadro 5. Fatores de dificuldades na aprendizagem em leitura e produção de textos. Fonte: Professores do 5º ano, EMEIF Profº Juvêncio Correa, Barreiras, Itaituba/PA (2018).

Entrev.	Relatos
P ₁	<i>“Devido sua condição social não consegue acompanhar os assuntos propostos, geralmente são vítimas de fatores como estrutura familiar”.</i>
P ₂	<i>“Acredito que quando o aluno não se sente seguro em relação a amizade em sala de aula e com o professor isso dificulta ainda mais”.</i>
P ₃	<i>“Quando a criança não consegue se habituar no âmbito escolar”.</i>
P ₄	<i>“Quando não se sentem bem acolhidos na escola”.</i>
P ₅	<i>“Percebe-se a insegurança muitas das vezes nos alunos”.</i>

A classe estudantil quando chega à escola precisa sentir-se segura para que então possam interagir dentro do ambiente escolar, transmitindo e absorvendo conhecimentos, ou seja, construindo novas concepções a respeito de um novo universo para os mesmos. Partindo dessa visão dos referidos habituarem-se e sentirem-se seguros, passam então ter avanços em seus estudos vencendo todos os fatores adversos, até mesmos os fatores familiares que se opõem.

A aprendizagem dos alunos é um fator muito debatido e analisado, pois o intuito escolar é formar alunos críticos construtivos com habilidades nas competências comunicativas tais como: leitura, oralidade e escrita. Procurou-se saber sobre atuação dos docentes na questão 6. **Na turma em que atua, você percebe alunos com dificuldades quanto à aprendizagem da leitura e escrita?** O gráfico 2 traz o resultado em que 80% dos entrevistados disseram que menos de 50% dos alunos têm dificuldades na leitura e escrita de textos e apenas 20% dos professores relataram que a metade de sua turma tem dificuldades.

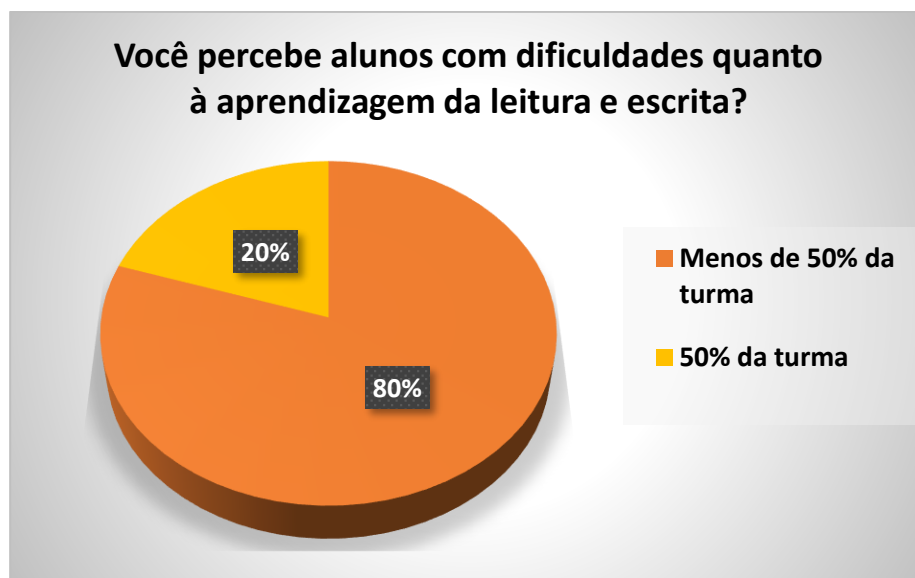


Gráfico 2. Dificuldades quanto à aprendizagem da leitura e escrita? Fonte: Professores do 5º ano, EMEIF Profº Juvêncio Correa, Barreiras, Itaituba/PA (2018).

Com base no resultado sobre o questionamento a respeito da dificuldade na leitura e escrita a maioria dos entrevistados relatou que menos de 50% de suas classes sentem essas dificuldades citadas anteriormente.

Outro problema é o dos alunos que, mal ou bem, vencem a barreira de alfabetização inicial, mas não têm contatos suficientes com a escrita para se tornarem letrados, não ganham fluência, sentem aversão pela leitura. Suas dificuldades refletem-se em outras áreas do currículo. Forma-se um ciclo vicioso: a criança não lê ou não compreende o que lê, e não melhora na leitura porque ninguém ajuda a superar essa dificuldade. (CARVALHO, 2010, p. 68).

Assim sendo, essa é uma dificuldade que se prolonga por várias etapas na vida dos educandos que sabem lê, porém não conseguem entender, ou seja, não sabem interpretar um texto, pois durante sua vida estudantil, não conseguiram a aquisição das competências comunicativas leitura, oralidade e escrita.

O ensino de leitura e escrita têm sido um desafio constante nas escolas como uma tarefa difícil e árdua, por isso faz-se necessário a elaboração de metodologias e novas estratégias constantemente, de acordo com a especificidade de cada classe. Prosseguindo a entrevista perguntou-se na questão 7. **Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos?** No quadro 6 são demonstradas as seguintes respostas dos entrevistados.

Quadro 6. Reação dos professores diante das dificuldades em leitura e escrita dos alunos. Fonte: Professores do 5º ano, EMEIF Profº Juvêncio Correa, Barreiras, Itaituba/PA (2018).

Entrev.	Relatos
P ₁	<i>"Busco o apoio familiar desenvolvendo estratégias para facilitar o processo de ensino aprendizagem".</i>
P ₂	<i>"Procuro desenvolver estratégias para que venha suprir a necessidade de cada educando para que assim o mesmo demonstre mais interesse".</i>
P ₃	<i>"Procuro dar mais atenção àqueles alunos com dificuldades auxiliando-os sempre que necessário".</i>
P ₄	<i>"Uso alternativas como, por exemplo: fichas, gravuras e cartazes como também apresento historinhas curtas e divertidas".</i>
P ₅	<i>"Procuro inovar com novas estratégias e metodologias para auxiliar os educandos".</i>

Baseando-se na análise das pesquisas percebe-se que a maioria dos professores sempre recorre às novas metodologias buscando alternativas para que os educandos demonstrem interesses nas atividades que estão sendo propostas em sala de aula. Vale ressaltar também que o apoio familiar é uma das bases essenciais no aprendizado dos discentes.

Os subsídios para os alunos fazem-se necessário no estímulo da classe estudantil despertando interesses nos mesmos e entusiasmos. Diante dessa concepção procurou-se saber na questão 8. **Os alunos têm o direito de tocar, escolher e manusear os livros disponibilizados na biblioteca/sala de leitura da escola, sempre que necessário?** O gráfico 3 demonstra o resultado em que a maioria (80%) dos entrevistados disseram que os alunos têm acesso aos livros e (20%) afirmou que às vezes quando solicita aos alunos algum trabalho de pesquisa.

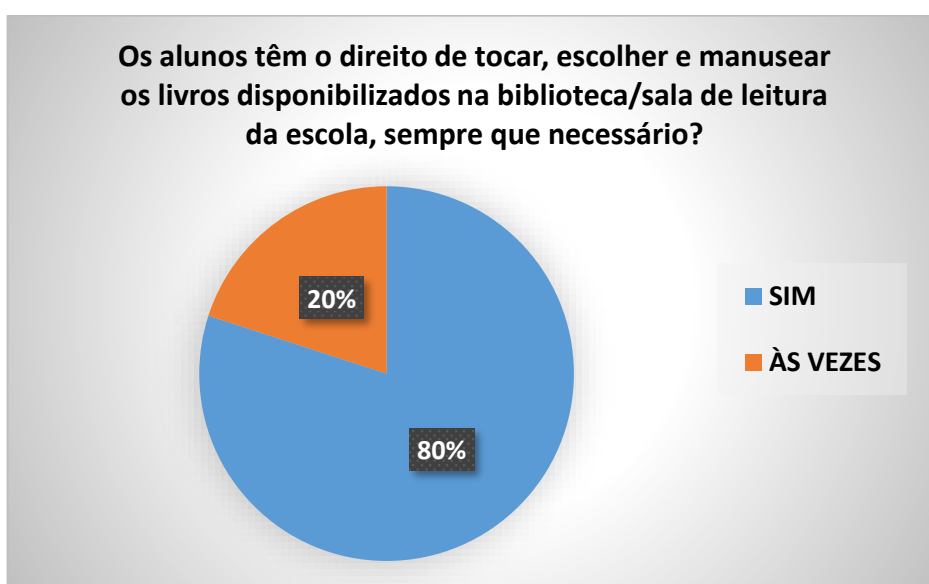


Gráfico 3. Sobre o acesso aos livros na escola. Fonte: Professores do 5º ano, EMEIF Profº Juvêncio Correa, Barreiras, Itaituba/PA (2018).

Para que os estudantes possam adquirir conhecimentos, os mesmos precisam ter acesso a acervos que estejam disponíveis na biblioteca da escola ou em uma sala de leitura. Com esses suportes a classe estudantil passa a sentir-se mais à vontade no âmbito educacional em suas pesquisas e produções de textos, pois através dos recursos disponíveis são adquiridos conhecimentos fundamentais em cada estudante.

Levando em consideração as ferramentas tais como livros adequados, ambientes bem estruturados e arejados e acompanhamento de profissionais nestas instituições de ensino, é possível que os educandos aprendam mais rápidos e adquiram suas autonomias nas mais diversas modalidades de gêneros textuais. (COSTA, 2017, p. 43)

As ferramentas são necessárias no desenvolvimento das atividades propostas no âmbito escolar, vale ressaltar que além dos livros, computadores, etc., os espaços físicos mobiliados também são de suma importância em todo processo de ensino aprendizagem.

Ainda no decorrer da entrevista perguntou-se na questão **9: A escola desenvolve alguma prática para incentivar os alunos a tornarem-se leitores e escritores competentes?** Todos os professores foram unânimes em reconhecer que não desenvolveram projetos voltados diretamente para essa prática educativa. De acordo com os relatos dos entrevistados, a escola não tem desenvolvido projetos para incentivar os alunos a tornarem-se leitores e escritores competentes, somente tem sido discutido nas propostas pedagógicas e algumas atividades resumem-se em ser realizadas apenas nas atividades de classe.

Durante a entrevista notou-se muitas dificuldades e desafios no processo de alfabetização e letramento, na ocasião interrogou-se ainda na questão **10: Em sua sala de aula, quais os desafios de alfabetizar na perspectiva de Letramento?** O gráfico 4 demonstra o resultado em que a 23% dos entrevistados disseram que a insuficiência de recursos didáticos ou materiais para prepará-los, enquanto 39% destacou a falta de apoio dos familiares. Também se observou 15% relatando sobre os livros didáticos como insuficientes como também a falta de cursos de capacitação.

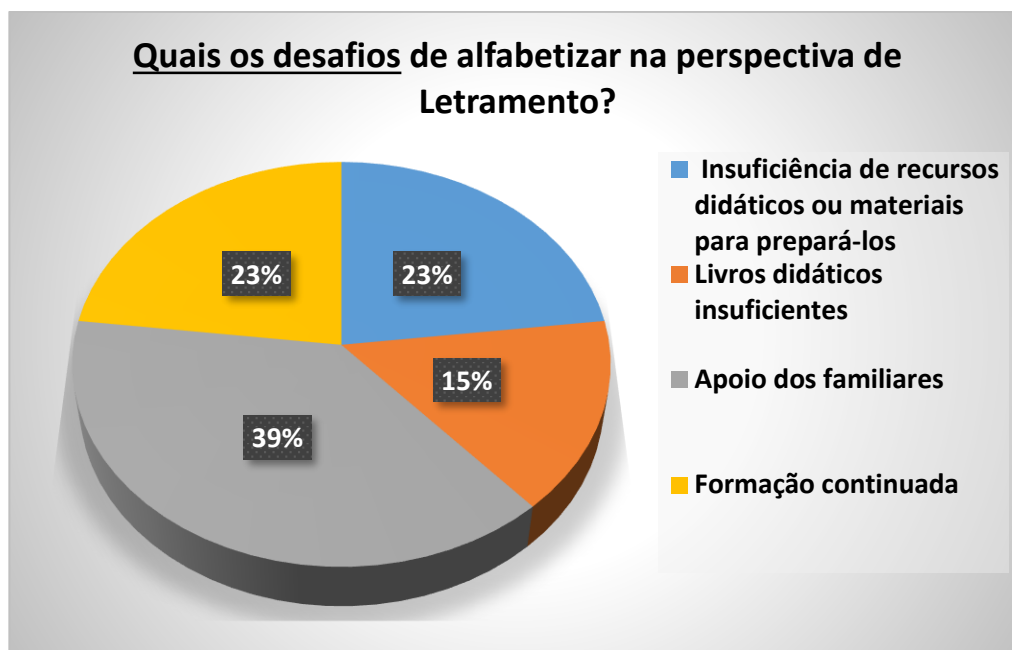


Gráfico 4. Sobre os desafios de alfabetizar na perspectiva de letramento. Fonte: Professores do 5º ano, EMEIF Profº Juvêncio Correa, Barreiras, Itaituba/PA (2018).

De acordo com os dados expostos analisou-se a falta de muitos recursos como: a falta de livros adequados para elaboração de atividades dinâmicas que pudessem atrair a atenção dos estudantes, a falta de mobiliários, falta de cursos de capacitações aos profissionais, entre outros fatores que dificultam o êxito dos professores.

Questionou-se também sobre a participação dos docentes no PNAIC. Concluiu-se a entrevista com a seguinte questão **11: Você fez ou faz parte do curso de capacitação ofertado pelo governo?** O gráfico 5 demonstra o resultado em que a maioria (60%) dos entrevistados disse que participou do curso de capacitação ofertado pelo governo federal e 40% dos entrevistados relatou que não participaram desse curso de formação.

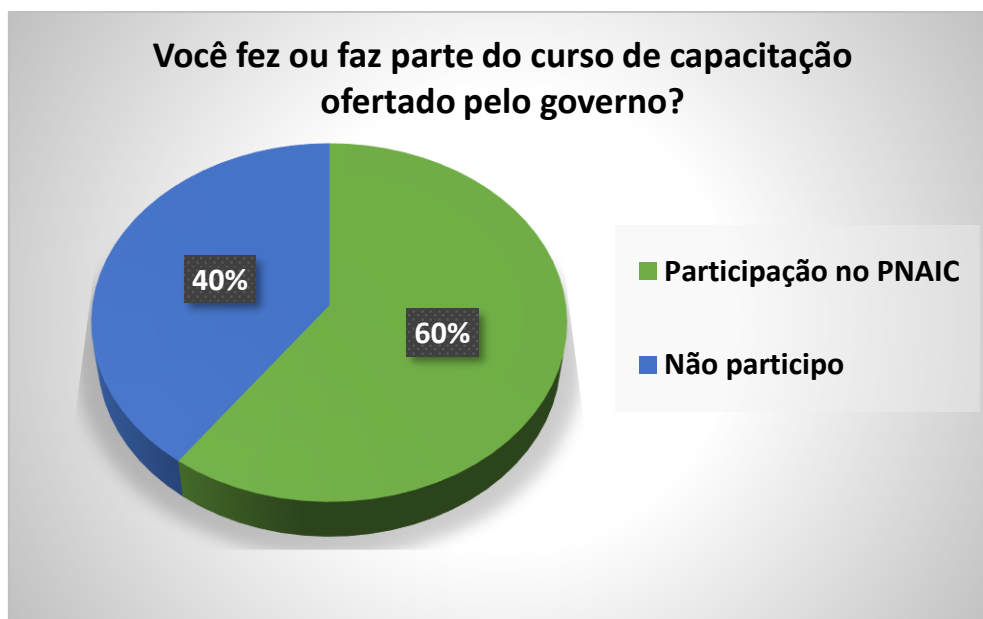


Gráfico 6. Sobre a capacitação dos professores no Curso do PNAIC. Fonte: Professores do 5º ano, EMEIF Profº Juvêncio Correa, Barreiras, Itaituba/PA (2018).

Os cursos do PNAIC são formações continuadas para professores, mais especificamente do 1º ao 3º ano do ensino fundamental menor, a maioria dos entrevistados relatou que participaram dessas capacitações e que as mesmas têm auxiliado bastante nas práticas pedagógicas relacionadas aos conteúdos ministrados em sala de aula.

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Perante os desafios a respeito da alfabetização na perspectiva do letramento que foi apresentada durante as entrevistas, verificou-se no âmbito educacional que essa questão é um dos problemas presentes para os alunos e também para os docentes que desenvolvem suas atividades pedagógicas, poderiam ser discutidas propostas nas reuniões para então buscar melhorias na qualidade de ensino.

Seria indispensável à inclusão de atividades e eventos no Projeto Político Pedagógico que facilitaria o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos educandos. Desse modo, os docentes obteriam êxitos em suas funções e atividades curriculares. Outra forma de alcançar melhorias seria desenvolver projetos voltados para a manutenção da Biblioteca oferecendo um espaço adaptado aos alunos, isso, junto ao governo através de ofícios e em anexos de cópias dos projetos explicando as necessidades da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou sobre as concepções de alfabetizar como uma missão desafiadora, além dos poucos recursos didáticos ofertados ao ambiente escolar ainda tinha prédios que funcionavam as escolas com um cenário cheio de dificuldades em suas estruturas físicas. Observou-se ainda que diante dos avanços industriais os professores não tinham acesso a cursos de capacitações voltados para a área específica de alfabetização muito menos para prática do letramento que existem até os dias de hoje.

No século passado, a prática de leitura no ambiente familiar era quase inexistente devido à falta de recursos nas escolas, estruturas físicas no âmbito educacional e a falta de oferta de ensino próximo às residências dos alunos, como também vale ressaltar que muitas famílias viviam abaixo da linha da pobreza sem condições de manter os filhos na escola. Tais fatores dificultaram ainda mais que os brasileiros tornassem alfabetizados.

Nesse momento de avanços tecnológicos em meados as décadas de 1980 a 1990, a educação passou por um novo olhar político voltado para as práticas educativas e suportes começaram a ser mais ofertados para os alunos, novas estratégias didáticas no processo de alfabetização e letramento passaram a existir. Tais estratégias têm contribuído muito, assim como os gêneros textuais como também os suportes.

Este estudo demonstrou a diferença entre ser um cidadão alfabetizado que é o caso de o mesmo conhecer as palavras, saber grafar e até mesmo ser capaz de lê-la, porém não é capaz de saber construir um texto com coesão, coerência, clareza e objetividade, para que isso ocorra o papel do professor nesse processo é de grande importância, pois o mesmo passa ter contato direto com os alunos facilitando o incentivo à leitura e escrita através das metodologias desenvolvidas em sala de aula.

A partir das análises das entrevistas na escola pesquisada com os professores de 5º ano do ensino fundamental verificou-se que os mesmos sempre buscam estratégias para o processo de alfabetização e letramento como: as fichas, gravuras, cartazes, cópias de textos do quadro e dos livros didáticos, histórias em quadrinhos entre outros recursos de mídia.

Dentre os maiores desafios no processo de alfabetizar e letrar estão, a falta de ambientes adequados para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, falta de livros adequados que retratem os conteúdos da proposta curricular, cursos de capacitações aos professores, recursos didáticos em quantidades insuficientes e muitas das vezes falta de acompanhamento familiar.

A escola não tem desenvolvido projetos nos últimos anos voltados, por exemplo, para a questão de alfabetização e letramento durante suas atividades anuais, fator esse que poderia incentivar os educandos na participação desse universo colaborando assim com seus desempenhos nas atividades escolares, outro fator que poderia ajudar a escola nesse processo é buscar junto ao governo apoio e suportes para realização dessas atividades no âmbito educacional, melhorando assim o índice no aprendizado da classe estudantil.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Conceituando alfabetização e letramento. IN: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Ogs). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras?. **Revista Brasileira de Educação**. Pernambuco, 2008.

ALFERES, Márcia Aparecida; MAINARDES, Jefferson. **Formação Continuada de Professores Alfabetizadores: uma avaliação do Programa Pró-Letramento**. Meta: Avaliação, Rio de Janeiro, 2012.

ALMEIDA, Benedita de. Desafios à Formação de Professores Alfabetizadores em Curso de Pedagogia. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, 2011.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita: método fônico para tratamento**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

_____. **Práticas de alfabetização e letramento**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BARBOSA, Robson Gomes Barbosa; LEVANDOSKI, Cláudia. **A Importância da Leitura na Família e na Escola**. Ponta Grossa: Letras e Arte. Paraná, 2011.

BITTENCOURT, Zoraia Aguiar; CARVALHO, Rodrigo Saballa de; JUHAS, Sílvia; SCHWARTZ, Suzana. **A compreensão leitora nos anos iniciais: reflexões propostas de ensino**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOTINI, Gleise Aparecida Lenhaverde; FARAGO, Alessandra Corrêa. Formação do leitor: papel da família e da escola. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 2014.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília- DF: Ministério da Educação, 2006.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COSTA, Ivo Juvenal da. **Os desafios da produção de textos: relatos dos alunos de uma escola do Município de Itaituba-PA** – Itaituba: CLPL da FAI, 2017.

GERALDI, João Wanderley, organizador; ALMEIDA, Milton José de. [et al.] **O texto na sala de aula**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2011.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino da língua portuguesa**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

GOULART, Cecília. **Letra Viva: Práticas de Leitura e Escrita**. Ministério da Educação, Brasília-DF, 2006.

LIMA, Érico Veríssimo dos Santos de; ROCHA, Francisco Gustavo Santos; RIBEIRO, Francisca Emmanoela Guimarães. **Formação de Leitores: a família, a escola e a biblioteca pública abraçando essa necessidade**. EREBD, Maranhão, 2011.

LOPES, Teina Nascimento. **Leitura, Escrita e Letramento: um estudo de caso na pré-escola em Rondonópolis-MT**. Cuiabá: UFMT/IE, 2008.

MARCUSCHI, Luiz. Oralidade e Letramento como práticas sociais. IN: MARCUSCHI, Luiz; DIONISIO, Angela Paiva (Orgs). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDONÇA, Márcia. Gêneros: por onde anda o letramento? IN: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Orgs). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MICOTTI, Marília Cecília de Oliveira. (org.) Prefácio de Josette Jolibert. **Leitura e escrita como aprender com êxito por meio da pedagogia de projetos**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MORO, Eliane Lourdes da Silva. A mediação da leitura na família, na escola e na biblioteca através das tecnologias de informação e de comunicação e a inclusão social das pessoas com necessidades especiais. **Inclusão Social**, Brasília, DF, 2011.

PEREIRA, Bárbara Cortella. **Alfabetização no Brasil: Uma história de sua história**. Cad. Cedes, Campinas, 2013.

PEREIRA, Elana de Jesus; FRAZÃO, Gabrielle Carvalho; SANTOS, Luciana Castro dos. **LEITURA INFANTIL: O valor da leitura para a formação de futuros leitores**. XV Encontro regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação- EREBD, Rio de Janeiro, 2012.

PIATTI, Célia Beatriz. Formação Continuada: **Reflexos na prática dos professores participantes do programa de formação de professores alfabetizadores – PROFA**. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2006.

PINHEIRO, Naiara Ferrari; KNACKFUSS, Maira; SOARES, Ana Paula da Rocha; CORRÊA, Ingrid Amaral. **A Influência da Família nas Habilidades da Leitura e Escrita no Ensino**. Thaumazein, Santa Maria, 2014.

PIRES, Maria das Graças Porto; FERREIRA, Lúcia Gracia; LIMA, Daniel Fernandes. **Alfabetização, Professor Alfabetizador e Prática Pedagógica**. Letra Magna, São Paulo, 2010.

RAIMUNDO, Ana Paula Peres. A mediação na formação do leitor. **CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários**. Anais, Maringá, 2009.

RANGEL, Egon de Oliveira e ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação. V. 19, 2010.

RIGOLON, Walkiria. A formação continuada de professores alfabetizadores. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, 2008.

SABINO, Maria Manuela do Carmo de. Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. **Rev. Iberoamericana de Educação**, Portugal, 2008.

SANTOS, Carmi Ferraz. Alfabetização e Letramento no texto. IN: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Orgs). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. **Revista de Educação**, MG, 2003.

SZYMANSKI, Heloisa. Práticas Educativas Familiares: A Família como Foco de Atenção Psicoeducacional. **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, 2004.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; SILVA, Edileuza Fernandes da. **A Escola Mudou. Que Mude a Formação de Professores**. Linhas Críticas, Brasília, DF, 2010.

KLEIMAN, Angela B. **Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar**. Perspectiva, Florianópolis, v. 28, 2010

APÊNDICE A-
QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES DO 5º ANO

FAI – FACULDADE DE ITAITUBA

ACADÊMICO: DAVID SILVA SOUZA

TEMA: DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO.

Prezado (a) Professor (a).

Contamos com a sua participação nesta pesquisa que tem como objetivo realizar um estudo (monografia de graduação) sobre os desafios no processo de letramento com os alunos de 5º ano.

IDENTIFICAÇÃO:

a) Graduação: _____

b) Pós-Graduação: _____

c) Tempo de trabalho nesta Escola: _____ anos.

d) Qual a importância da leitura na sua profissão? b) na sua vida pessoal?

e) Que tipo de leitura você prefere fazer:

() Contos () Livros didáticos () Livros acadêmicos () Romances

() Revistas () Jornais () Livros religiosos () Poesias

() Outros. Quais? _____

1. Como você vê sua prática docente? Ela está mais voltada para a alfabetização OU para um processo de letramento? Comente.

2. Quais dos recursos pedagógicos abaixo são mais utilizados por você no processo de letramento?

() Fichas/gravuras/cartazes. () Gibis, história em quadrinhos

() Copiar textos do quadro ou do livro. () Livro didático.

() Fazer leitura em voz alta, coletiva ou individual.

() Mídias: TV, DVD, computador, datashow.

() Outros: _____

3. Que atividades você tem feito para incentivar o hábito da leitura em seus alunos?

4. Qual a expressão que os alunos demonstram com relação à produção de textos escritos? E quanto a fazer uma leitura à frente da turma? Ou em voz alta? Eles se sentem tímidos e envergonhados?

5. Alguns estudos afirmam que as maiores dificuldades de aprendizagem em leitura e em escrita podem estar ligadas a como a criança se sente no ambiente escolar. Em sua opinião, até que ponto fatores como ansiedade, relação professor e aluno, podem estar associados a problemas de aprendizagem e baixo rendimento?

6. Na turma em que atua, você percebe alunos com dificuldades quanto à aprendizagem da leitura e escrita?

() 100% dos alunos () 50% () + de 50%
() - 50% () Nenhum aluno

7. Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos?

8. Os alunos têm o direito de tocar, escolher e manusear os livros disponibilizados na biblioteca/sala de leitura da escola, sempre que necessário?

() Sim () Não () Às vezes

() Não temos esse espaço pedagógico na escola

Justifique: _____

9. A escola desenvolve alguma prática para incentivar os alunos a tornarem-se leitores e escritores competentes?

() Projetos com essa temática sempre fazem parte do PPP da Escola.

() Uma vez ao ano é realizado.

() Não realizou ainda.

() Outros: _____

10. Em sua sala de aula, quais os desafios de alfabetizar na perspectiva de Letramento? Assinale mais de uma alternativa, caso necessário.

() Pouco tempo disponível.

() Falta de cursos de capacitação.

() Turma com muitos alunos.

() Falta de apoio das famílias.

() Ausência de livros didáticos ou insuficientes.

() Insuficiência de recursos didáticos ou materiais para prepará-los.

() Outras: _____

11. Você fez ou faz parte do Curso de capacitação PNAIC ofertado pelo governo federal?

() SIM () NÃO

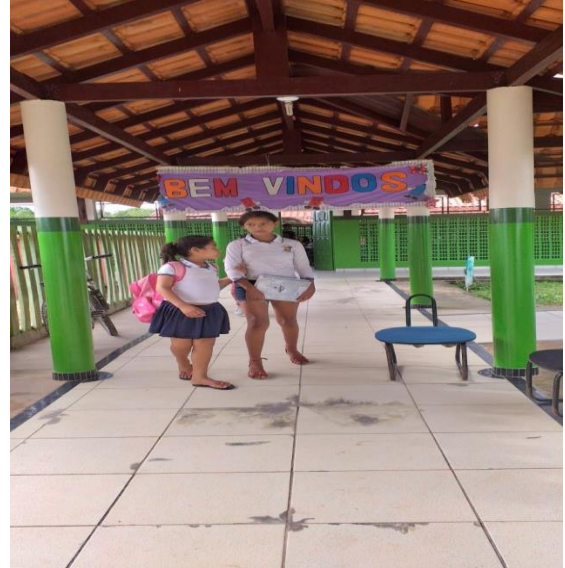
Se sim. Em sua opinião, este Curso tem contribuído para melhorar sua prática docente?

Agradecemos sua participação!

APÊNDICE B -
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE ATIVIDADES DE LETRAMENTO



Frente da Escola



Entrada do 1º e 2º Pavilhão



Biblioteca



Alunos Fazendo Leitura



Hora da Leitura



Explicação aos Alunos
